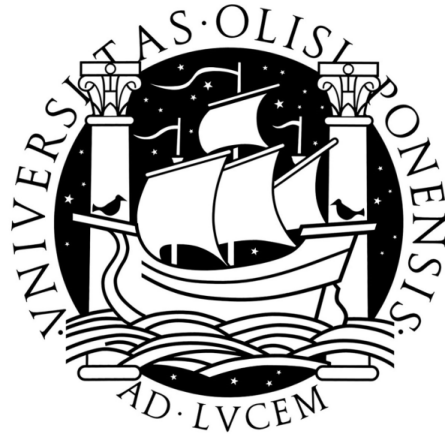


UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO



**Ecos da Idade, Sexo e Nível Sócio-Económico
em Dimensões da Conjugalidade
– Satisfação, Vinculação/Afectividade e Proximidade –**

Rafaela Cardoso Fortunato

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia
Clínica Sistémica

Lisboa

2009

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

**Ecos da Idade, Sexo e Nível Sócio-Económico
em Dimensões da Conjugalidade
– Satisfação, Vinculação/Afectividade e Proximidade –**

Rafaela Cardoso Fortunato

Orientação científica:

Professora Doutora Isabel Narciso Davide

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

Secção de Psicologia Clínica e da Saúde - Núcleo de Psicologia

Clínica Sistémica

Lisboa

2009

Resumo

A presente investigação incide sobre o tema da conjugalidade, ponto nodal da Psicologia da Família, e pretende analisar as relações entre as dimensões da conjugalidade – Satisfação Conjugal, Vinculação/Afectividade e Proximidade - e explorar diferenças em função das variáveis demográficas sexo, idade e nível sócio-económico nas dimensões acima referidas.

Para este efeito, realizou-se um estudo empírico de cariz quantitativo com recurso a três escalas de auto-relato, sendo eles a EASAVIC (Narciso e Costa, 1996), a A & QRI-S (Moreira, 2002) e a IOS (Aron, Aron & Smollan, 1992) e a um questionário sobre dados sócio-demográficos. Partindo de uma amostra total de 633 indivíduos, entre os 20 e 59 anos, casados ou em união de facto, com e sem filhos, e através de uma análise de correlações de Pearson, verificou-se que as três dimensões em estudo - Satisfação Conjugal, Vinculação/Afectividade e Proximidade - se encontram correlacionadas significativamente entre si.

Através de uma comparação de médias, foram analisadas as diferenças, em cada uma das dimensões, em função de três variáveis demográficas. Relativamente ao sexo, não foram encontradas diferenças significativas nas três dimensões, ao contrário do que aconteceu relativamente à idade e ao nível sócio-económico, onde se verificaram várias diferenças significativas nas três dimensões.

Palavras-chave: Satisfação Conjugal, Vinculação/Afectividade, Proximidade, Sexo, Idade e Nível sócio-económico

Abstract

The present investigation sheds new light on the subject of marital life, central matter of Family Psychology, and intends to analyze the relations between marital life's dimensions – Marital Satisfaction, Attachment/Affectivity and Closeness – it also looks to explore the differences in function of the demographic variables sex, age and socio-economic status in the above-mentioned dimensions.

To accomplish this, we elaborated an empirical study based on a quantitative methodology resorting to three scales of self-report, the EASAVIC (Narciso e Costa, 1996), A & QRI-S (Moreira, 2002) and the IOS (Aron, Aron & Smollan, 1992), and to a questionnaire on socio-demographic data. Through a total sample of 633 individuals, between 20 and 59 years, married or in civil union, with and without children, and through a Pearson correlations analysis, it was confirmed that the three dimensions being studied - Conjugal Satisfaction, Attachment/Affectivity and Proximity - are significantly correlated.

The differences in each dimension were studied through a comparison of mean values in function of three demographic variables. Concerning to the sex, there were no significant differences in any of the three dimensions, as opposed to what happened relatively to the age and to the socio-economic status, where several significant differences were found in all three dimensions.

Key words: Marital Satisfaction, Attachment/Affectivity, Closeness, Sex, Age and Socio-Economic Status.

Agradecimentos

À Prof^ª Doutora Isabel Narciso, orientadora do trabalho, por nunca ter deixado de acreditar em mim, sabendo sempre o que dizer e como dizer, na hora certa.

Ao Prof^º Doutor Wolfgang Lind, e às suas gargalhadas, que me incentivaram a continuar no caminho da pesquisa e do trabalho, e aos seus brilhantes incentivos que me motivaram na manutenção do tema.

Aos casais que responderam com dedicação, boa-disposição, curiosidade, sinceridade e às vezes por amizade!

À minha querida tia Rosarinho, que zelou por mim, nunca me deixando olhar para trás, mostrando-me sempre as estrelinhas que iluminam o caminho.

À minha mãe que me ajudou na recolha da amostra, pelos afectos seguros, pelas funções familiares que cumpriu sozinha, pelo apoio emocional e, por ser quem é!

Aos meus avós pelos exemplos práticos e sábios de conjugalidade satisfeita.

Ao Miguel... pelo infinito de possibilidades!

Às minhas e aos meus, mais que tudo, que sabem quem são, por serem mesmo mais que tudo, por todas as conversas, ajudas, mensagens, convites, a mais, que nunca esquecerei e que provaram que vocês estiveram sempre lá!

Índice Geral

Introdução.....	1
1. Dimensões da conjugalidade.....	3
1.1 Satisfação Conjugal:	3
1.1.1 Proximidade e Satisfação Conjugal	7
1.1.2 Satisfação Conjugal e Vinculação/Afectividade ao cônjuge: “nós, que seguram”	9
2. Sobre a identidade dos membros do casal	15
2.1 Diferenças segundo o Sexo	15
2.2 Diferenças segundo a Idade	18
2.3 Diferenças segundo o Nível Sócio-económico	19
3. Processo Metodológico	21
3.1 <i>Design</i> da Investigação	21
3.1.1 A questão Inicial	21
3.1.2 Mapa Conceptual	21
3.1.3 Objectivos	22
3.1.4 Questões de Investigação	23
3.1.5 A estratégia Metodológica	23
3.1.5.1 Processo de selecção da amostra.....	23
3.1.5.2 Caracterização da Amostra	24
3.1.5.3 Selecção e descrição dos Instrumentos utilizados	24
3.1.5.3.1 – Questionário Geral	25
3.1.5.3.2 – EASAVIC	25
3.1.5.3.3 – A & QRI-S	26
3.1.5.3.4 – IOS	27
3.1.5.4 Procedimento na recolha de dados	28

3.1.5.5 Análise de resultados	28
4. Apresentação dos Resultados	30
5. Discussão dos resultados	41
5.1 Diferenças em função do sexo	41
5.2 Diferenças em função da Idade	42
5.3 Diferenças em função do Nível sócio-económico	44
5.4 Associações existentes entre Satisfação Conjugal, Proximidade e Vinculação/Afectividade	49
Conclusão	51
Referências Bibliográficas	53
Anexos	
Anexo I - Características Sócio-demográficas dos Participantes	
Anexo II - Protocolo de apresentação da investigação	
Anexo III - Questionário Geral Sócio-Demográfico	
Anexo IV – Instrumentos utilizados no estudo: EASAVIC, A & QRI-S e IOS	

Índice de Quadros

Quadro 1. Estatística descritiva: Médias, Desvios-padrão, Mínimos e Máximos da Satisfação Média Global e dos vários grupos que a compõe	30
Quadro 2. Estatística descritiva: Médias, Desvios-padrão, Mínimos e Máximos dos vários Estilos de Vinculação/Afectividade ao Cônjuge	31
Quadro 3. Comparação das médias do Grupo Funções Familiares entre sexos.....	33
Quadro 4. Comparação das médias da Satisfação Conjugal Global, Intimidade e Autonomia entre Idades	33
Quadro 5. Comparação das médias da satisfação com os Tempos Livres, Conflitos, Rede Social e Funções Familiares entre Idades	34
Quadro 6. Comparação das médias da Satisfação Conjugal Global e dos seus Grupos: Intimidade, Autonomia, Tempos Livres, Conflitos, Rede Social e Funções Familiares entre Níveis Sócio-económicos	35
Quadro 7. Comparação dos resultados médios dos padrões de Vinculação/Afectividade Segura e Vinculação/Afectividade Evitante ao cônjuge, entre idades ..	36
Quadro 8. Comparação dos resultados médios dos estilos de Vinculação/Afectividade Conflituosa e Preocupada ao cônjuge entre idades	36
Quadro 9. Comparação dos resultados médios da Vinculação/Afectividade Segura, Conflituosa e Preocupada ao cônjuge entre Níveis Sócio-económicos.....	37
Quadro 10. Comparação dos resultados médios da Vinculação/Afectividade Evitante ao cônjuge entre Níveis Sócio-económicos	37
Quadro 11. Comparação das diferença dos resultados médios da Proximidade consoante a Idade	38
Quadro 12. Comparação das diferença dos resultados médios da Proximidade consoante o Nível Sócio-económico	38
Quadro 13. Matriz das Correlações de Pearson para os resultados médios das variáveis em estudo	40

Índice de Figuras

Figura 1. Modelo da Vinculação adulta (Bartholomew e Horowitz, 1991)	12
Figura 2. Modelo conceptual das relações entre as variáveis analisadas no estudo empírico	22
Figura 3. Gráfico circular com a variação de respostas, em percentagem, à escala IOS - grau de Proximidade ao cônjuge	32

Introdução

O presente estudo tem como temática central a Conjugalidade, estando inserido num projecto de investigação mais vasto sobre Conjugalidade e Parentalidade, a decorrer no, Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica.

A complexidade das mudanças nos papéis e funções sociais, de homens e mulheres, coloca pesquisadores das relações humanas diante da necessidade de ampliar o foco de análise das relações interpessoais, para compreender os novos modelos de casamento que estão a surgir (Perlin e Diniz, 2005).

As novas formas de encarar a satisfação conjugal, a vinculação amorosa e proximidade, como inclusão do outro no *self*, carecem ainda de investigação. Sendo Portugal o país que observa a segunda taxa de nupcialidade mais elevada da União Europeia, cuja média foi estimada em 4,4% (Eurostat, 2007), torna-se necessária a exploração desta temática, na qual a insuficiência de estudos empíricos é, ainda, notória.

Esta dissertação tem o seu sustento numa curiosidade de compreensão sistémica do que há de mais íntimo e pessoal que, no entanto, apenas se concretiza em relação. A necessidade de ser aceite, apreciado e acarinhado acompanha o ser humano ao longo do seu ciclo de vida (Soares, 2007). O que, no início, se sente sem obrigações, explicações, intenções de retribuição, torna-se mais tarde, enquanto seres adultos, numa vontade de devolução, “amar e ser amado”, e esta motivação é fundamental para o ser humano (Weiss, 1991). Uma das tarefas mais difíceis do equilibrista, em cada um de nós, é encontrar o ponto de equilíbrio entre “ser unido aos outros” e “ser autónomo”. É, de facto, uma busca pessoal e prolongada, uma vez que, em todas as fases do ciclo de vida, os pesos de cada um variam, sendo necessário reiniciar-se a busca pelo balanço “perfeito”. Gottman e Silver (2001) defendem que a amizade profunda, que se caracteriza pelo respeito mútuo, prazer em estar com o outro, conhecimento íntimo recíproco, estima elevada, e expressão quotidiana dos afectos, constitui uma “arma secreta” contra a negatividade, catalisa os sentimentos de amor e mantém a relação apaixonada. A verdadeira felicidade só existe, na sua condição de partilhada e, com alguém que a deseje tanto quanto nós próprios (Narciso, 1994; Gottman & Silver, 2001).

Com base nestes pressupostos, este estudo tem como objectivo geral avaliar as relações entre as dimensões da conjugalidade – Satisfação Conjugal, Vinculação¹ Amorosa e Proximidade - e analisar o efeito das variáveis sexo, idade e nível sócio-económico nas dimensões estudadas.

A presente investigação é constituída por cinco capítulos, sendo que os dois primeiros pertencem ao enquadramento teórico, focando a forma como as variáveis em estudo têm sido abordadas, e os três últimos são de natureza empírica e apresentam os passos metodológicos, os resultados e as reflexões finais que, neste, trabalho, se desenvolveram.

O primeiro capítulo apresenta uma contextualização das temáticas em estudo, nomeadamente a Satisfação Conjugal, a Vinculação Amorosa e a Proximidade ao cônjuge. O segundo capítulo apresenta uma síntese das investigações que demonstram a influência que o Sexo, a Idade e o Nível Sócio-Económico têm nas dimensões anteriores.

O terceiro capítulo aborda as questões metodológicas do estudo: a especificação dos objectivos orientadores deste estudo, a enunciação das questões de investigação e a identificação da metodologia utilizada. O capítulo quarto apresenta os resultados obtidos no nosso estudo. No capítulo quinto são discutidos os resultados obtidos, tendo em conta as questões de investigação levantadas e, por último, a conclusão, apresenta os resultados que sobressaíram, as principais limitações e pistas para estudos futuros.

¹ Neste estudo, a vinculação não será avaliada directamente, mas sim padrões de afectividade ao cônjuge, enquanto indicadores teóricos de vinculação. A intenção inicial era a de avaliar a vinculação ao cônjuge. No entanto, a análise e reflexão sobre o instrumento utilizado - A & QRI-S (Moreira, 2002) – levou a equipa de investigação, no qual este estudo se enquadra, a considerar que a A & QRI-S avalia sobretudo padrões de afectividade, os quais podem constituir indicadores de vinculação.

1. Dimensões da Conjugalidade

As relações íntimas são um aspecto central da vida adulta e a qualidade das mesmas tem implicações não só na saúde mental, mas também na saúde física e vida profissional de homens e mulheres. Com base nesta realidade, ao longo do século XX, os investigadores foram demonstrando um interesse crescente na compreensão da vida amorosa e conjugal, bem como na avaliação da qualidade desses relacionamentos.

As investigações existentes sobre a satisfação na conjugalidade têm alterado o seu campo de estudo ao longo do tempo, iniciando-se nas áreas que apenas visavam prever a viabilidade das relações conjugais, evoluíram, a partir dos anos 60, no sentido da investigação e construção de modelos, na busca de uma compreensão mais ampla dos processos envolvidos nas relações satisfatórias (Norgren, Souza, Kaslw, Hammerschmidt & Sharlin, 2004).

A partir do momento em que o casamento começou a ser, frequentemente, seguido de declínio ou dissolução conjugal, criou-se a necessidade de explorar os processos de mudança e desenvolvimento ao longo do tempo, bem como as características que contribuem para a sua manutenção (Kurdek, 1998 cit. por Faulkner, Davey & Davey, 2005). Assim, o estudo da satisfação conjugal é um ponto nodal para a compreensão da conjugalidade, para a prevenção de dificuldades e crises que potenciem a sua dissolução, e para a terapia conjugal.

1.1 Satisfação Conjugal

“...ali onde não havia nada, dois indivíduos viram um casal e tendo-o visto criaram-no”. (Caillé, 1991, p. 40)

A satisfação conjugal² resulta de uma avaliação subjectiva e pessoal do casamento, isto é, da qualidade conjugal, ou, por outras palavras, da apreciação feita pelo próprio casal do contexto relacional significativo (Narciso, Costa e Prata, 2002; Hendrick & Hendrick, 2006).

² Conceito que difere da qualidade conjugal apesar de interactivamente ligados. A qualidade conjugal pode ser definida como o desempenho na e da relação. De forma a não sobrecarregar o texto, para aprofundar esta distinção ler (Narciso, 2001).

A satisfação conjugal pode ser compreendida através de uma análise de processos que acabam por se influenciar mutuamente e ser, também, influenciados por esta.

O Modelo de Qualidade Conjugal de Lewis e Spanier, revisto e adaptado por Feeney, Noller e Ward (1997) e o Modelo Integrativo de Whisman (1997), são modelos integrativos dos factores que influenciam a satisfação conjugal e consideram diversas variáveis para a compreensão das relações conjugais.

O Modelo de Qualidade Conjugal de Lewis e Spanier (1979 in Feeney, Noller & Ward, 1997) enfatiza três conjuntos de variáveis que desempenham um importante papel para prever a qualidade conjugal: recursos pessoais e sociais, satisfação com o estilo de vida e recompensas da interacção conjugal. Posteriormente, Feeney, Noller & Ward (1997) realizaram investigações para testar este modelo de qualidade conjugal em relação às variáveis que dizem respeito às recompensas da interacção conjugal, e concluíram da existência de cinco factores de qualidade conjugal: comunicação (compreender e concordar com o parceiro, comunicar com eficácia), compatibilidade (ir de encontro às expectativas do parceiro, ver o mundo de modo semelhante), atracção (compatibilidade e satisfação sexual, amor profundo), intimidade (partilha de atitudes, sentimentos e ideias) e respeito (igualdade, flexibilidade e promoção do crescimento do outro). Apesar de se mostrar actual, enquanto apresentação dos factores preditores da qualidade conjugal, este modelo tem algumas limitações. Não contempla a existência de interacções das variáveis (recursos pessoais e sociais, satisfação com o estilo de vida e recompensas da interacção conjugal) entre si, nem com a satisfação conjugal. Outras limitações residem no facto de não haver uma clara distinção entre qualidade e satisfação conjugal e o modelo encerrar uma concepção estática e unitária da qualidade conjugal (Feeney, Noller & Ward, 1997).

O Modelo Integrativo de Whisman (1997) apresenta uma classificação dos factores que influenciam e são, ao mesmo tempo, influenciados pela satisfação: intrapessoais, interpessoais e contextuais. Os primeiros referem-se a características de personalidade, cognições, afectos, padrões de vinculação; os segundos dizem respeito a características da relação entre os cônjuges, tais como a comunicação, conflitos e sua resolução, semelhanças entre os parceiros; os terceiros englobam as características do meio como os acontecimentos stressantes e o contexto social enquanto influenciadores da satisfação conjugal. Salienta-se, como possível limitação deste modelo, o facto não

considerar as cognições e os afectos enquanto factores relacionais, uma vez que estes surgem da interacção com o cônjuge e a partir da relação conjugal.

O modelo da filosofia de vida de Hojjat (1997) refere-se à filosofia de vida de cada cônjuge e à sua relação com os processos cognitivos e comportamentais e com o factor tempo. O autor define filosofia de vida como um conjunto de crenças, valores e pressupostos do indivíduo construídos ao longo da sua história e experiências pessoais, referindo-se a um sistema conceptual que representa as expectativas individuais sobre o próprio e o mundo e constitui um guia de funcionamento. A consciência desta filosofia de vida vai aumentando com o crescimento e experiências de vida, não sendo estática, podendo mesmo variar em função do momento, da situação ou das relações. Hojjat propõe uma explicação causal da satisfação, em que as relações de intimidade dependem, sobretudo, das semelhanças entre as filosofias de vida e o modo de estar no mundo de ambos os elementos do casal. Acrescido a estes aspectos, também a comunicação, influenciará a satisfação conjugal devido à (in)capacidade de resolução de conflitos. As semelhanças, desde o início da relação até às fases mais avançadas da vida do casal, parecem ser um importante indício de felicidade conjugal. Por outro lado, em relações satisfeitas, ao longo do tempo, os elementos do casal tendem a aproximar as suas filosofias de vida. Este modelo, apesar de fornecer grandes contributos para a compreensão da satisfação conjugal, apresenta uma visão fragmentada da satisfação, não considerando a globalidade dos factores com ela relacionados.

Numa tentativa de integrar diferentes modelos, Narciso (2001) propõe uma classificação onde se distinguem três tipos de factores: centrípetos, centrífugos e factor tempo ou percurso de vida. O primeiro tipo de factores, cujo foco é o *holon* - o casal - relaciona-se com a qualidade conjugal ou processos conjugais vividos que geram e são gerados directamente na relação. Nestes processos incluem-se: os **afectivos**, ou seja, o amor enquanto configuração de sentimentos, e os processos relacionais afectivos que o catalisam e são por eles catalisados: a intimidade e o compromisso; os **operativos ou comportamentais**, ou seja, o *modus operandi* na e da relação, o que corresponde ao funcionamento conjugal. Pode-se incluir, aqui, a Comunicação, os Conflitos, a Resolução de Conflitos e o Controlo Relacional; os **cognitivos**, ou seja, pressupostos e padrões, percepções, atribuições e expectativas, os quais influenciam a relação e são influenciados por ela (Narciso, 2001).

Os factores centrífugos são aqueles que não são gerados no seio da relação conjugal, sendo, por isso, mais periféricos ao casal, mas que influenciam fortemente a dinâmica conjugal. Incluem-se, aqui, factores do contexto (por exemplo, a família de origem, a rede social, o trabalho, e factores contextuais demográficos, tais como o nível sócio-económico, a cultura, etc.) e factores intrínsecos a cada um dos indivíduos (factores de personalidade, padrões de vinculação geral, e factores individuais demográficos, tais como o sexo, a idade, etc.) (Narciso, 2001).

O factor tempo ou percurso de vida é transversal aos factores anteriores, e inclui o tempo de relação, e as fases ditas normativas e não normativas do percurso de vida conjugal (Narciso, 2001).

Apesar da classificação dos factores que influenciam a satisfação conjugal permitir uma maior compreensão da complexidade inerente a este conceito, é importante salientar que qualquer classificação deste tipo é artificial, dada a inter-relação ente os diversos factores, em que o foco numa das partes não é suficiente para compreender o todo.

Narciso (1994/95) verificou, através de um estudo sobre as metamorfoses do amor, que as áreas da vida conjugal de menor satisfação estavam mais relacionadas com os aspectos inerentes à funcionalidade do que com os relativos ao amor. No entanto, os primeiros não parecem ter uma influência tão significativa sobre a satisfação conjugal global como as áreas relativas ao amor. A satisfação conjugal torna-se assim, “..uma avaliação subjectiva dos processos operativos, afectivos e cognitivos.” (Narciso, 2002).

A satisfação torna-se crucial para o bem-estar, uma vez que reflecte uma avaliação sobretudo positiva do outro e da relação e vice-versa, sendo que o bem-estar é catalisador de satisfação conjugal. Vários estudos sugerem que, na população casada, o nível de mortalidade é menos elevado e o nível de bem-estar físico e psicológico é mais elevado do que na população não casada (Gottman & Silver, 2001). No entanto, a associação entre casamento e bem-estar só é válida para casamentos felizes (Fincham e Bradbury, 1990b cit. por Narciso e Ribeiro, 2009), ou seja, tal associação depende do nível de satisfação que o casamento proporciona.

Gottman e Silver (2001) defendem que os casais com maior probabilidade de sucesso, “felizes para sempre”, são os emocionalmente inteligentes, sendo, que estes mantêm uma dinâmica que bloqueia os sentimentos e pensamentos negativos, de modo a que os positivos não sejam anulados. Desta forma, a satisfação conjugal pode ser

avaliada pela extensão em que os comportamentos do casal desencadeiam mais sentimentos de prazer do que desprazer em cada elemento, ou seja, em que medida a percepção positiva da relação (percepção de recompensas) é superior, ou não, à percepção negativa (percepção dos custos) (Gottman & Silver, 2001). No entanto, Kahneman e Tversky (1979, 2000 cit. em Berger & Janoff-Bulman, 2006), defendem que os custos só serão perdas, se forem considerados como tal, e dependendo da forma como são classificados, estes podem transformar-se tanto em perdas como em ganhos.

Múltiplas investigações (Feeney, Noller & Ward, 1997; Hojjat, 1997) têm constatado que a satisfação está fortemente relacionada com: a comunicação - em que os cônjuges mais satisfeitos tenderão a exprimir mais ternura e menos hostilidade -, com a resolução construtiva de conflitos, a intimidade emocional e a sexualidade.

Muitos estudos comprovam também que uma forte idealização, associada à satisfação, pode aumentar os níveis de intimidade entre os parceiros e favorecer a continuidade de expectativas elevadas, prevenindo diminuições abruptas da satisfação (Talmadge & Dabbs, 1990 cit. por Narciso 2001).

A satisfação conjugal, segundo Erbert e Duck (1997) deve ser considerada como um processo circular evolutivo, segundo uma perspectiva dialéctica, onde ambas a satisfação e insatisfação coexistem, evitando-se a crença num tipo ideal relacional. Esta concepção circular evolutiva é apoiada pelo modelo de qualidade conjugal de Fincham, Beach e Kemp-Fincham (1997 cit. por Narciso, 2001) que assenta no pressuposto de que o comportamento conjugal não é sempre linear ao longo dos anos da relação, e considerando que as relações conjugais são caracterizadas pela alternância entre momentos de afectividade positiva e momentos de afectividade negativa. Estes autores defendem que só é possível ter acesso à complexidade das relações conjugais, concebendo formas de avaliação relacional que incluam a qualidade conjugal positiva e a qualidade conjugal negativa.

1.1.1 - Proximidade e Satisfação Conjugal

O modelo de Expansão do Self, proposto por Aron & Aron (1986 cit. por Aron, Aron & Smollan, 1992), sugere que, nas relações próximas, o indivíduo pode perceber o *self* como incluindo recursos, perspectivas e identidades do outro. Os autores conceptualizam o conceito de proximidade como incluindo três dimensões: “sentir-se

próximo” (*Feeling Close*), “agir próximo” (*Behaving close*) e “Pensar próximo” (*Thinking close*). Numa perspectiva sistémica, a noção de proximidade como “Inclusão do Outro no *Self*”, enquanto interdependência, estabelece pontes conceptuais com a noção de intimidade conjugal.

De acordo com a conceptualização de intimidade proposta por Narciso (2001, 2002, Narciso & Ribeiro, 2009), a intimidade romântica é um processo relacional que inclui como componentes estruturais a auto-revelação/partilha, o apoio emocional, a confiança, a mutualidade, e a interdependência, e como componentes contorno, os sentimentos de amor e a sexualidade. Neste sentido, se associarmos proximidade a interdependência e, conseqüentemente, também a auto-revelação/partilha, apoio emocional e mutualidade, pensamos ser coerente, tomar a proximidade como componente da intimidade, e, portanto, como um indicador desta.

Também Sternberg (1986, cit. por Domingos, 2006) afirma que a intimidade se refere aos sentimentos que promovem a proximidade e a criação de laços numa relação, surgindo como a componente do amor que confere o sentido de proximidade e vinculação nas relações amorosas e decorre, essencialmente, de um forte investimento emocional.

A intimidade inicia-se nas relações humanas, quando duas pessoas iniciam uma relação. É num período inicial enérgico, no qual o casal passa horas a conversar, partilhar interesses e medos e a namorar, que os indivíduos se encontram a expandir o seu *self* velozmente e, como consequência, se desenvolve um nível crescente de preocupação, cuidado e compreensão entre ambos, à qual se associa também uma enorme satisfação, atracção e desejo. Estudos indicam que a intimidade/proximidade conjugal é afectada, sobretudo, por comportamentos (in)suficientes de vinculação e de preocupação/atenção para com o outro (Mirgain & Cordova, 2007).

Aron e Aron (1997 cit. por Aron, Mashek, & Aron, 2004) associam o conceito de proximidade com o conceito de satisfação. De igual modo, Mirgain e Cordova (2007) verificaram, num estudo realizado, que a habilidade emocional dos cônjuges, ou seja, a capacidade de identificar e comunicar as suas emoções, parece estar associada à satisfação conjugal e que esta associação é mediada pela intimidade.

Nas relações de intimidade, a auto-revelação implica, também, a partilha de vulnerabilidades, o que, por sua vez, aumenta o potencial para experienciar sofrimento emocional. Assim, quanto mais perto “emocionalmente” duas pessoas

estiverem, maiores as probabilidades de se magoarem uma à outra. Parceiros com habilidades emocionais adequadas, provavelmente, prejudicarão os seus parceiros íntimos menos frequentemente, relacionando o sofrimento interpessoal com auto-revelação, comunicação emocional confiante, aproximação positiva, perdão, atribuições que valorizam a relação, o que facilita o desenvolvimento e a manutenção da intimidade e aumenta a satisfação com a relação (Mirgain e Cordova, 2005). Desta forma a comunicação, ao implicar a expressão de sentimentos, mas também a resolução de conflitos, torna-se um veículo absolutamente central para a construção e desenvolvimento da intimidade. Também a revisão de estudos feitos e citados por Noller e colaboradores (Narciso, 2001), salienta o facto dos casais satisfeitos comunicarem com maior clareza e serem mais competentes na percepção dos sentimentos e necessidades dos cônjuges.

É necessário que os casais se desenvolvam e preparem para garantir o amor em fases diferentes, com diferentes significações, dinâmicas relacionais e configurações de sentimentos. As novas fases dependerão da intimidade/proximidade entre os cônjuges, que permitirá ao casal que olhem juntos o futuro (Strong & Devault, 1997). Procurar o ponto de equilíbrio entre “ser unido ao outro” e “ser autónomo” é, de facto, um busca pessoal e prolongada, uma vez que, em todas as fases do ciclo de vida, essa busca se reinicia (Narciso e Ribeiro, 2009).

1.1.2 - Satisfação Conjugal e Vinculação/Afectividade ao cônjuge: “*nós que seguram*”

“Falar em vinculação é descrever as relações afectivas significativas que nos unem aos outros, e em última instância a nós próprios” (Soares, 2007, p.10)

Dado que, na presente investigação se pretende explorar a relação entre indicadores de padrões de vinculação em indivíduos casados ou em união de facto e a sua satisfação conjugal, parece-nos pertinente enfatizar um dos pressupostos-base da teoria da vinculação, segundo o qual a vinculação perdura ao longo de todo o ciclo de vida - “*attachment behavior is held to characterize human beings from the cradle to grave*” como afirma Bowlby (1979, p.129).

A teoria da vinculação refere-se à capacidade dos seres humanos para formarem fortes laços afectivos com outros especiais, com o objectivo de proporcionar um

sentimento de segurança que permita explorar com confiança o self, os outros e o mundo (Bowlby, 1969)³. Uma das principais ideias da teoria de Bowlby (1980) é que há uma relação significativa entre as experiências de vinculação durante a infância e a adolescência e a capacidade em estabelecer ligações afectivas na idade adulta. Perspectivar o desenvolvimento ao longo do ciclo de vida implica pensar que, em qualquer relação interpessoal, cada indivíduo traz consigo memórias de relações passadas e expectativas sobre relações futuras. E, frequentemente, as experiências passadas têm efeito nas presentes, quer no sentido da continuidade quer no sentido da mudança (Ruter, 1995, cit. por Ribeiro, 2002).

Desde os primeiros tempos de vida e ao longo das interacções com as figuras que lhe prestam cuidados, e, posteriormente, com outras figuras significativamente relevantes para além do pai e da mãe, o indivíduo vai construindo gradualmente um conjunto de conhecimentos e expectativas, quer sobre o modo como essas figuras actuam e respondem aos seus pedidos de ajuda e de protecção (acessibilidade e responsividade), quer sobre o *self*, em termos do seu valor próprio e capacidade de influenciar os outros (Bowlby, 1973; Levit, 1994 cit. por Ribeiro, 2002). Bowlby denomina este conjunto de conhecimentos e expectativas Modelos Internos Dinâmicos. Estes modelos vão guiar o sujeito na tomada de decisões sobre os seus comportamentos de vinculação face a figuras particulares, antecipar o futuro e fazer planos, ou seja, orientar o seu comportamento em outras relações (Soares, 2007), desenvolvendo, assim, padrões de vinculação mais ou menos seguros consoante a maior positividade ou negatividade das suas experiências relacionais anteriores.

Podemos, pois, considerar os Modelos Internos Dinâmicos como estruturas de significados, carregadas emocionalmente, que vão sofrer alterações devido ao próprio processo de desenvolvimento, às modificações das condições de vida e à influência de novas relações de vinculação (Sroufe, 1988; Thompson, 1999 cit. por Soares 2007).

O estabelecimento da autonomia e da intimidade, por exemplo, assumem-se como as tarefas nucleares do desenvolvimento do jovem adulto. A consideração destas

³ Influenciado pelos estudos de Konrad Lorenz, acerca do conceito de imprinting e, pela teoria dos sistemas de controlo, Bowlby em 1982, postulou que os comportamentos de vinculação estão organizados num sistema comportamental de vinculação cuja função seria regular uma predisposição inata para a formação de laços emocionais. De forma a não sobrecarregar o texto, ver a este propósito Bowlby, 1969/1982; Hinde, 1982, Cassidy & Shaver, 1999.

tarefas é essencial para a compreensão do contributo da teoria de vinculação no desenvolvimento do adulto (Soares, 2007). Outras transições nas etapas do ciclo de vida, que envolvam mudanças de papéis sociais (ir para a faculdade, casar, ter filhos) podem ser uma oportunidade para avaliar e re-organizar as representações da vinculação (Caspi & Elder, 1988; Ricks, 1985 cit. por Bartholomew & Horowitz, 1991).

A aplicação da teoria da vinculação às relações amorosas entre adultos teve o seu primeiro grande desenvolvimento após a publicação do pioneiro artigo científico de Cindy Hazan e Philip Shaver, em 1987, intitulado “*O amor romântico conceptualizado como um processo de vinculação*”⁴. A vinculação romântica, ao contrário da vinculação aos pais, é “*uma rua de dois sentidos*” (Hazan & Shaver, 1987, p.522) onde ambos os elementos da relação podem adoptar, em diferentes momentos, os papéis complementares de procura de segurança e de prestação de cuidados/transmissão de segurança (Weiss, 1991). O amor romântico preenche um conjunto de necessidades psicológicas, nomeadamente, de companheirismo, de amar e ser amado, de nos reconhecermos através do outro, de satisfação sexual, de apoio emocional, de auto-revelação e auto-descoberta, de auto-realização da identidade masculina/feminina e de partilha mútua da alegria de viver. O grau em que estas necessidades estão ou não satisfeitas, induzirá o tipo de vinculação ao companheiro (Narciso, 1994).

Hazan e Shaver (1987) desenvolveram uma avaliação da vinculação no adulto, baseada nos três padrões de vinculação na infância definidos por Ainsworth e colaboradores (1978), caracterizando, assim, os adultos em três tipos de vinculação: *Seguro*, *Evitante* e *Ansioso/Ambivalente*.

Bartholomew (1990, Bartholomew & Horowitz, 1991), na sequência da linha teórica anterior, mas argumentando que o estilo *Evitante*, caracterizado por Hazan & Shaver comporta duas características distintas – o adulto que não se aproxima do outro porque não deseja a proximidade e o adulto que não se aproxima do outro por receio, mas que desejaria essa proximidade –, desenvolve um modelo bidimensional de avaliação da vinculação no adulto, remetendo-se para uma abordagem prototípica. Este

⁴ No entanto, nem todas as relações amorosas podem ser consideradas relações de vinculação (Hazan & Shaver, 1987 cit. por Crespo, 2007). Para que tal se verifique é necessário que estejam presentes quatro características que Bowlby definiu como específicas de uma relação de vinculação, sendo elas: *Safe Haven*, *Secure Base*, *Proximity maintenance* & *Separation distress*. De forma a não sobrecarregar o texto, ver a este propósito Weiss 1982, 1986, 1991 e Hazan & Zeifman, 1999.

tipo de abordagem considera que a identificação do indivíduo com um determinado protótipo de vinculação corresponde a uma aproximação a um ideal teórico, definido pelo cruzamento de duas dimensões. Os modelo de funcionamento de si próprio (*self*) e modelo de funcionamento dos outros – que representam expectativas gerais acerca do valor do *self* e o da acessibilidade e disponibilidade dos outros. Estas dimensões encontram-se nas vertentes positivas e negativas que originam quatro padrões de vinculação, quando se intersectam os modelos de funcionamento: Seguro, Preocupado, Evitante Desligado e Evitante Amedrontado.

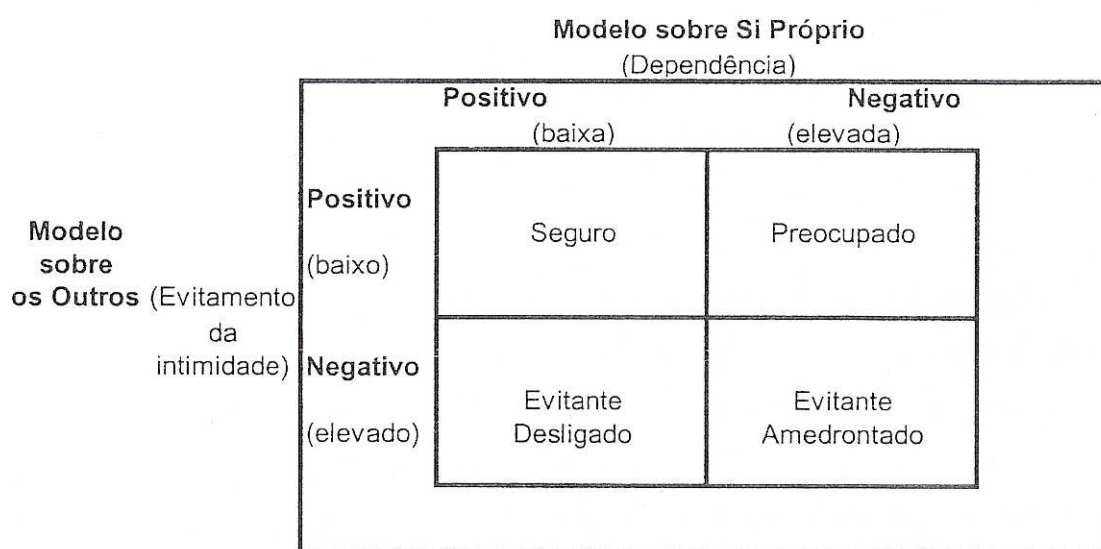


Fig.1 Modelo da Vinculação adulta (Bartholomew e Horowitz, 1991)

Assim, como se pode observar na figura 1, os *indivíduos com uma vinculação amorosa segura* ao seu parceiro vêem-se como seres merecedores de amor e esperam que os seus parceiros sejam receptivos e retribuidores do mesmo. Sentem-se confortáveis perante a intimidade e a autonomia. *Indivíduos preocupados ou ansiosos/ambivalentes* pensam em si como não merecedores de amor, mas avaliam o seu parceiro de forma positiva, preocupando-se bastante nas relações. *Indivíduos com vinculação evitante/ amedrontada* sentem-se não merecedores de amor e esperam que os seu parceiros os rejeitem, temem a intimidade e evitam a socialização. Finalmente, os *indivíduos evitantes/desligados* sentem-se merecedores de amor mas têm uma disposição negativa em relação ao seu parceiro, não sentindo a intimidade como necessária. (Bartholomew, 1990).

Vários são os investigadores que têm dedicado o seu tempo à pesquisa da influência dos estilos de vinculação amorosa no funcionamento da relação,

principalmente na satisfação conjugal (Collins et al., 2002; Feeney, 1999; Kirkpatrick e Davis, 1994; Simpson, 1990, cit. por Lowyck, Luyten, Demyttenaere & Corveleyn, 2008). Segundo a abordagem sistémica, a vinculação deve ser estudada como um constructo relacional, com a expectativa de que os estilos de vinculação de ambos parceiros irão interagir para influenciar os padrões de interacção no casal e também a satisfação (Feeney, 1999).

Segundo vários estudos (Feeney, 1999, Hazan & Shaver, 1987, Maclean, 2002), os casais com maior nível de satisfação conjugal apresentam padrões de vinculação segura. Estes indivíduos, comparativamente com indivíduos com padrões de vinculação evitante e/ou ansiosa/ambivalente, relatam ter níveis mais elevados de satisfação relacional, intimidade, paixão, compromisso, confiança, interdependência, comunicação e experienciam mais emoções positivas e menos negativas. Os adultos seguros são capazes e estão dispostos a confiar nos seus parceiros e podem partilhar os seus sentimentos numa forma que é flexível e empática com as necessidades deste. Tal não acontece nas combinações evitante-evitante, na qual a troca emocional é significativamente inferior, revelando uma tendência para evitarem proximidade e não desenvolverem um porto seguro com os seus parceiros, conduzindo a níveis mais altos de insatisfação. Estes padrões de vinculação podem estar na base dos comportamentos (dis)funcionais que contribuem para um menor ou maior nível de satisfação conjugal (Kobak & Hazan, 1991 cit. por Domingos, 2006).

É, no entanto, importante lembrar que estas descrições e mesmo os resultados das investigações se referem a protótipos, ou elaborações de cariz abstracto. As pessoas “reais” nem sempre se encaixam nestes protótipos e podem apresentar aspectos de dois ou mais protótipos; o próprio contexto, quer relacional, quer contexto envolvente pode levar a que as pessoas exibam comportamentos distintos (Davila, 2003).

A relação entre vinculação e proximidade só agora começa a ser aprofundada, especialmente por Collins e Feeney. Segundo estes autores, a teoria da vinculação enfatiza a importância dos processos de proximidade e intimidade no desenvolvimento e manutenção da confiança e sentido de segurança nas relações amorosas (Collins e Feeney, 2004). A mesma teoria pode esclarecer sobre o modo como as diferenças individuais nos estilos de vinculação moldam a qualidade e satisfação das relações próximas e íntimas, quer no âmbito do relacionamento, quer no âmbito das percepções

individuais subjectivas acerca deste tipo de interacções. A vinculação segura parece ser um dos factores mais comumente associados à satisfação relacional e também à proximidade, quando considerada como “Inclusão do Outro no *Self*” (Collins e Feeney, 2004).

Mikulincer and Shaver (2003, 2007 cit. por Butzer & Campbell, 2008) introduziram, recentemente, um modelo que especifica a activação e o funcionamento do sistema de vinculação do adulto. Segundo este modelo, a estratégia primária do sistema de vinculação envolve a procura de proximidade a figuras de vinculação, em tempos de necessidade/carência. Um estilo de vinculação segura tende a desenvolver-se, quando as figuras de vinculação estão disponíveis e respondem às necessidades do indivíduo, estimulando a formação de laços de proximidade com outros. Por outro lado, se as figuras de vinculação estão consistentemente indisponíveis ou indiferentes, isto indica que a estratégia primária de busca de proximidade é mal sucedida, o que resulta no uso de estratégias de vinculação secundárias para lidar com o sentimento resultante de insegurança. Estas estratégias secundárias envolvem a hiper-activação ou a desactivação do sistema de vinculação. O objectivo principal das estratégias de hiper-activação é o de conseguir que uma figura de vinculação indiferente preste atenção ao indivíduo e que forneça cuidado e suporte, estratégia que é a mais típica de indivíduos com uma pontuação elevada em vinculação ansiosa, na qual, estes, fazem tentativas fortes, para manter a proximidade a figuras de vinculação e controlar de perto os seus parceiros na procura de sinais de uma proximidade, emocional ou física, deficiente (Cassidy & Berlin, 1994; Simpson, Ickes, & Grich, 1999 cit. por Butzer & Campbell, 2008). Por outro lado, estratégias de desactivação envolvem a inibição da procura de proximidade em resposta a uma figura de vinculação indisponível, mais típica de indivíduos com pontuações elevadas em vinculação evitante. Assim, indivíduos com uma vinculação evitante procuram manter a independência e a autoconfiança, enquanto negam necessidades ou estados emocionais que poderiam activar o sistema de vinculação (Mikulincer & Shaver, 2003, 2007, cit. por Butzer & Campbell, 2008). Como tal, pessoas com um padrão de vinculação evitante não permitem, frequentemente, a elas próprias, aproximações aos seus parceiros românticos ou a procura dos seus parceiros para suporte em tempos de aflição (Simpson, Rholes, & Neligan, 1992 cit. por Butzer & Campbell, 2008).

2. Sobre a identidade dos membros do casal

A relação entre duas pessoas é sempre triádica. Pois estas duas pessoas que estão a experienciar, comportar-se e interpretar o significado que têm uma para a outra existem num contexto social (o terceiro da relação) que dá significado a esta (Hendrick, Hendrick, 2006).

2.1 Diferenças segundo o Sexo ⁵

Bernard, em 1975, propôs o conceito de casamento “dele” e “dela”, que se traduzia numa experiência qualitativa diferente para homens e mulheres, na qual os homens obtinham maior benefício psico-social (Baslow, 1992; Bernard, 1975; Bird & Fremont, 1991; Heyn, 1997; McRae & Brody, 1989; Schumm, Webb, & Bollman, 1998 cit. por Faulkner, Davey & Davey, 2005). Enquanto, as mulheres só beneficiavam de saúde mental e física quando estão satisfeitas com o casamento, os homens apresentam sempre benefícios independentemente da sua qualidade (Hess & Soldo, 1985 cit. por Faulkner, Davey & Davey, 2005), provavelmente, porque as mulheres se apoiam mais no casamento para a sua valorização pessoal e auto-estima do que os homens (Frieze, Parsons, Johnson, Reble, & Zellman, 1978; Gove et al, 1983; Vanfossen, 1981 cit. por Mookherjee, 1997). Se a experiência conjugal da mulher prediz a satisfação conjugal do marido e se encontra, mais provavelmente, em harmonia com a qualidade emocional do funcionamento conjugal, o oposto não acontece.

Também a perspectiva feminista, salienta a importância dos papéis de género na forma como homens e mulheres lidam com o conflito, sendo as mulheres a iniciarem, normalmente, as discussões sobre as questões mais problemáticas da relação (Gottman, 1999 cit. por Faulkner, Davey & Davey, 2005). Enquanto os homens estão programados para evitar ou retirar-se de interações conjugais negativas, as mulheres, tendem a manter a conversação ou o conflito (Johnson, 1996 cit. por Faulkner, Davey & Davey, 2005).

Baucom, Notarius, Burnett, e Haefner (1990, cit. por Faulkner, Davey & Davey, 2005) defendem que as diferenças de género na forma de resolver conflitos conjugais, se baseiam no facto dos homens desempenharem papéis mais instrumentais e as

⁵ O sexo é significativo e é esse significado que designamos por género (Burr, 1998 cit. por Narciso e Ribeiro, 2009).

mulheres papéis mais expressivos. Levenson, Carstensen, e Gottman (1994, cit. por Faulkner, Davey & Davey, 2005) afirmam que existem diferenças sexuais biológicas na forma como os homens respondem a situações de conflito, o que apoia o facto de estes serem mais evitantes e se retirarem quando o conflito é iniciado pela esposa.

A introdução de papéis de género na intimidade, como resultado das expectativas de género socialmente construídas, é também discutida na literatura. Philpot, Brooks, Lusterman & Nutt (1997 cit por. Newton, Boblin, Brown & Ciliska, 2006) afirmam que os homens e mulheres são educados a exprimirem-se de diferentes formas, sendo as mulheres mais incentivadas à expressividade emocional (Leary, 1996 cit. por Newton, Boblin, Brown & Ciliska, 2006) formando a sua identidade nas relações íntimas através da maternidade e do ser uma “esposa”.

Consonante com o acima referido, vários estudos sugerem que, como as mulheres se tendem a relacionar com os outros numa base de maior intimidade (Williams, 1988 cit. por Mookherjee, 1997), são mais sensíveis a pequenas variações emocionais nas relações interpessoais (Rossi, 1985 cit. por Mookherjee, 1997) e têm envolvimento mais íntimo do que os homens (Williams, 1988 cit. por Mookherjee, 1997); Desta forma as suas expectativas de intimidade e suporte emocional dentro do casamento tendem a serem elevadas. Por outro lado, os homens, como dependem mais das suas mulheres para suporte emocional, não são tão afectados pela qualidade da interacção conjugal, pois também têm poucas bases de comparação (Komarovsky, 1962; Levinson, 1978; Williams, 1988 cit. por cit. por Mookherjee, 1997).

Relativamente à proximidade, Feeney (1999) verificou que os homens se sentiam mais satisfeitos quando nem eles nem as parceiras referiam diferentes necessidades ao nível da proximidade-distância. Se as mulheres desejavam mais proximidade do que os homens, verificava-se uma correlação negativa com a satisfação dos homens, não se verificando o inverso.

De acordo com alguns autores, também as implicações dos diferentes estilos de vinculação na qualidade da relação seriam específicas do género, podendo estar na origem dos resultados a seguir descritos. Um estudo de Kirkpatrick e Davis (1994, cit. por Ribeiro, 2002) ilustra as diferenças de género na vivência relacional, revelando que homens mais evitantes quando comparados com seguros, apresentam menor satisfação, intimidade, carinho e investimento, e quando comparados com os ansiosos apresentam menor paixão e investimento na relação. As mulheres ansiosas em comparação com as

seguras, apresentam níveis mais reduzidos de satisfação, intimidade e carinho e níveis mais elevados de conflito e ambivalência, enquanto as mulheres evitantes apresentam níveis mais baixos de conflito e ambivalência.

Note-se, contudo, que um estudo que tentou reunir informação de todas as partes do mundo sobre a associação entre homens e afectividade desligada, não obteve uma correlação significativa, concluindo-se que estes resultados são apenas mais vincados numa cultura ocidental, não podendo ser generalizáveis a uma escala global (Schmitt et al., 2003).

Karney & Bradbury, em 1995, após uma vasta revisão de estudos longitudinais sobre estabilidade e qualidade conjugal, relativos a casamentos dos E.U.A., verificaram que diversos factores previam estabilidade e satisfação conjugal - rectidão, expressividade, comportamento positivo, semelhança de personalidades, atitudes, valores, ser mais velho e ter mais educação -, verificando que as diferenças de género pouco influenciavam os factores que proporcionam estabilidade ou satisfação.

Contudo, num estudo que explora modificações de atitudes segundo o papel de género, Amato e Cabine (1995, cit. por Faulkner, Davey e Davey, 2005) mostraram que, quando as esposas adoptam atitudes de papel de género menos tradicionais, se observa um declínio da qualidade conjugal percebida. Contudo, quando os maridos adoptam atitudes menos tradicionais, aumenta a qualidade conjugal percebida. Na sua discussão, esses autores sugerem que as esposas menos tradicionais, com uma perspectiva mais igualitária, “ podem ter a percepção de que estão em desvantagem ou que são exploradas e assim ficam menos felizes com os seus matrimónios... em termos de comportamento, elas podem exigir mais poder na tomada de decisão ou pressionar os seus maridos para dedicar mais tempo aos trabalhos domésticos e assistência familiar. Como o *status quo* beneficia os homens, muitos maridos resistem a essas modificações. Assim, quando as esposas tomam atitudes mais progressistas, é mais provável a ocorrência de conflito aberto entre cônjuges e menos estabilidade na relação” (Amato e Cabine, 1995, p. 58, cit. por Faulkner, Davey e Davey, 2005). Os autores assumem que as implicações das atitudes quanto ao papel de género são as opostas para os maridos, sugerindo que, quando os maridos adoptam atitudes progressistas, igualitárias, o conflito entre cônjuges é menos aberto e há maior estabilidade na relação.

2.2 Diferenças segundo a Idade

Pelo facto de vários autores reforçarem a importância do carácter processual no estudo da conjugalidade, decidimos incluir a dimensão temporal nesta investigação. As evidências que ressaltam a importância da dimensão temporal, na conjugalidade, são as repercussões que esta dimensão tem em vários aspectos ao nível da estabilidade, satisfação ou investimento na relação. Estas repercussões dependem do momento em que ocorrem os acontecimentos (idade na altura do casamento, idade aquando do nascimento dos filhos, entre outros), da sua sequência (nascimento de filhos, saída da casa dos pais antes ou depois do casamento, etc.), do contexto social temporal (igualdade de papéis sexuais, valorização do emprego da mulher, entre outros) e da duração do casamento (recém-casados, casados há dez anos, entre outros).

Como a noção de Ciclo Vital da família assenta no pressuposto de que a família evolui através de uma sequência previsível de transformações na organização da vida familiar, ou seja, em função do cumprimento de tarefas bem definidas (Relvas, 1996), utilizou-se esta noção como base para estabelecer possíveis pontes entre a idade dos participantes, tarefas a desempenhar e a satisfação, vinculação e proximidade ao cônjuge.

As investigações relativas ao tema da qualidade/satisfação ao longo do tempo relacional têm apresentado resultados heterogéneos. Enquanto umas revelam um aumento regular da satisfação (de uma forma geral) ao longo do tempo, outras indicam um declínio depois dos primeiros anos de casamento e outras constataam, ainda, um padrão curvilíneo, em que a qualidade e a satisfação conjugal surgem mais elevadas nos primeiros anos de casamento, seguindo-se um declínio – etapas com filhos em casa - , voltando a aumentar nos últimos anos de casamento.

Segundo Orbuch, House, Mero & Webster (1996, cit. por Narciso, 2001), os declínios da satisfação e da vinculação segura ao cônjuge têm sido fortemente associados à presença dos filhos. Esta presença, nos anos intermédios de casamento, parece afectar a relação devido à sobrecarga de tarefas domésticas e parentais, sobretudo para as mulheres, e também devido à diminuição de tempos livres e exclusivos do casal.

Feeney, Noller e Ward (1997) constataram que os níveis mais elevados de compatibilidade, intimidade/proximidade, vinculação e respeito, ocorriam em casais que

nunca tinham tido filhos, ou que, tendo, não viviam com eles. Para Clements e Markman (1998; Kurdek, 1998, cit. por Crespo, 2007), nas famílias com filhos adolescentes, ao contrário da idealização característica das primeiras fases do ciclo de vida, há uma sobrecarga de expectativas negativas que não parece facilitar a vivência satisfatória dos adolescentes e dos seus pais. Outros estudos sobre satisfação conjugal e vinculação ao cônjuge indicam que estas tendem a aumentar progressivamente após o estágio de “lançamento dos filhos”, ou seja na etapa “ninho vazio” (Olson, 1988, cit. por Narciso, 2001).

Também vários autores se têm interessado sobre a estabilidade dos protótipos de vinculação ao longo do tempo e a sua ligação com as relações de casamento. Num estudo de Davila e colaboradores (1999), verificou-se que cerca de 30 % das pessoas sofrem alterações nos seus estilos de vinculação ao longo do tempo. O facto de os cônjuges tenderem a tornar-se mais seguros, ou seja, tenderem a sentir-se mais confortáveis na dependência em relação ao parceiro, e menos ansiosos relativamente ao abandono, foi interpretado, pelos autores, como sendo revelador da influência do casamento nos padrões de vinculação. No entanto, outros estudos consideram que este efeito se deve ao factor acomodação e não à influência da relação do casamento nos processos de vinculação (Duarte, 2005 cit. por Crespo, 2007).

2.3 Diferenças segundo Nível Sócio-económico

Várias são as evidências que confirmam que acontecimentos e condições de vida *stressantes* podem prejudicar o bem-estar de ambos os membros do casal e mesmo a qualidade conjugal (Conger, Rueter & Elder, Jr., 1999). Um dos principais "stressores" da vida conjugal é a incapacidade para suportar as necessidades económicas básicas (Albrecht, Bahr, & Goodman, 1983 cit por Conger, Rueter & Elder, Jr., 1999). No entanto, estudos entre 1930 e 1980, confirmaram que o envolvimento em casamentos satisfeitos pode ajudar cada um dos membros do casal a lidar melhor, ou seja, com mais sucesso, com os problemas financeiros (idem, 1999).

Para aumentar o bem-estar das populações com baixos rendimentos, é fundamental reforçar o papel dos casamentos saudáveis como modeladores de vários comportamentos em adultos e crianças. Isto porque, vários estudos mostram que casamentos estáveis e satisfeitos estão associados a níveis mais elevados de saúde física

e mental mas também a maior êxito a nível educacional e económico, quer para os pais quer para os filhos (Amato, 2001; Kiecolt-Glaser&Newton, 2001 cit. por Karney & Bradbury, 2005).

Investigações com casais recém-casados identificaram padrões nos quais a comunicação, a resolução de problemas e outros processos relacionais podem ser dificultados ou facilitados consoante o suporte ou exigências do contexto no qual decorre o casamento. Estes resultados sugerem que mesmo casais satisfeitos podem ter dificuldades em interagir de forma positiva sob condições de stress ou marcadas por poucos recursos (Karney & Bradbury, 2005).

Os casamentos são, de forma inquestionável, menos frequentes e menos estáveis em populações com baixos rendimentos. No entanto, apesar das taxas de divórcio e de filhos criados fora do casamento, serem muito maiores nestas populações (Bramlett & Mosher, 2002; Singh, Matthews, Clarke, Yannicos & Smith, 1995 cit. por Karney & Bradbury, 2005), os valores e as atitudes relativas ao casamento e à estrutura da família tradicional são tão positivas como as das populações de nível médio e alto. Estes valores, não são, no entanto, suficientes para manter um casamento estável e satisfeito (Karney & Bradbury, 2005).

Segundo um estudo longitudinal (4 anos) a 172 recém-casados de classe média, Karney, Story & Bradbury (2005) postularam que os casais que experienciam elevados níveis de stress, tais como, dificuldades financeiras, falta de suporte social e empregos inadequados, não só referem níveis de satisfação conjugal mais baixos como parecem ter mais dificuldade em manter a satisfação ao longo do tempo. Ambientes stressantes não só apresentam mais desafios aos casais, como também diminuem a capacidade dos mesmos para lidarem com esses desafios de forma eficiente ou eficaz (Conger, Rueter, & Elder, 1999).

Sendo assim, pode afirmar-se que o contexto molda o conteúdo das interacções conjugais.

3. Processo Metodológico

3.1. *Design* da investigação

A investigação não pode deixar de se basear num desenho de investigação que é fundamental para o seu desenvolvimento rigoroso e coerente. O desenho de investigação deve incluir: a questão inicial, o mapa conceptual (referindo constructos ou variáveis-chave), os objectivos, as questões de investigação e por último a estratégia metodológica de investigação relativamente à recolha (selecção da amostra, instrumentos e procedimentos) e à análise de dados (Narciso, 2001; Ribeiro, 2002).

O presente estudo enquadra-se numa abordagem quantitativa, com um desenho que se pretende descritivo e correlacional.

3.1.1. A questão inicial

Na medida em que a questão orientadora reúne, em si, o objecto principal de uma investigação, formulámos as seguintes interrogações: **que relações de associação e de causalidade se encontram entre as variáveis da conjugalidade - satisfação conjugal, vinculação/afectividade⁶ ao cônjuge e proximidade? Como variam em função do sexo, idade e nível sócio-económico do casal?**

3.1.2 Mapa Conceptual

O mapa conceptual é uma representação gráfica que revela as conexões e relações entre os conceitos envolvidos na investigação. Confronta as nossas interrogações gerais de investigação com o estado do conhecimento já produzido nesse campo, numa linguagem explícita e concisa. Este mapa permite dar vida ao plano de investigação, introduzindo uma visão dinâmica das variáveis e da sua interacção.

⁶ Como referimos, em nota de rodapé, na Introdução deste trabalho, a vinculação não será avaliada directamente, mas sim padrões de afectividade ao cônjuge, enquanto indicadores teóricos de vinculação. A intenção inicial era a de avaliar a vinculação ao cônjuge. No entanto, a análise e reflexão sobre o instrumento utilizado - A & QRI-S (Moreira, 2002) – levou a equipa de investigação em que este estudo se enquadra a considerar que a A & QRI-S avalia sobretudo padrões de afectividade, os quais podem constituir indicadores de vinculação. Assim, doravante, optaremos pela designação vinculação/afectividade sempre que nos referirmos a esta variável.

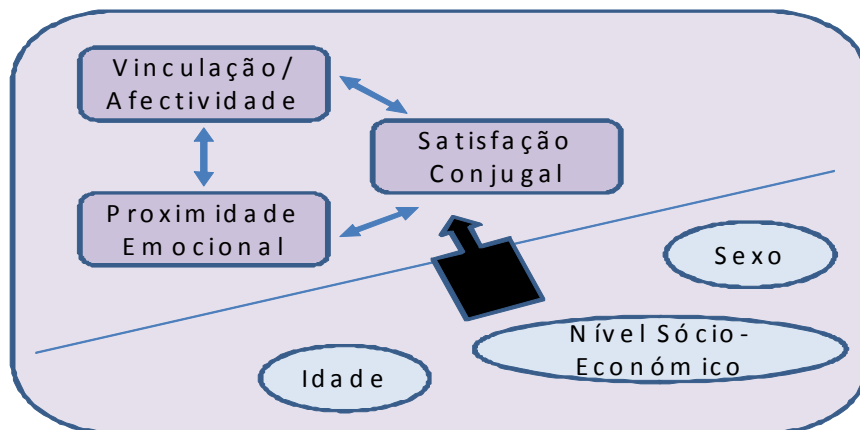


Fig.2 – Modelo conceptual das relações entre as variáveis analisadas no estudo empírico

De acordo com o mapa conceptual apresentado (figura 2), pretende-se analisar, neste estudo, as correlações entre as variáveis Satisfação Conjugal, Vinculação/Afectividade e Proximidade ao cônjuge, e perceber a influência das variáveis demográficas idade, sexo e nível sócio-económico, nessas variáveis.

3.1.3 Objectivos

Constituem objectivos deste estudo:

- a) Analisar a satisfação conjugal actual de participantes adultos, casados ou em união de facto, com ou sem filhos e compreender diferenças em função da idade, sexo e nível sócio-económico.
- b) Analisar a afectividade ao cônjuge, enquanto indicador de vinculação ao cônjuge, de participantes adultos casados ou em união de facto com ou sem filhos e compreender diferenças em função da idade, sexo e nível sócio-económico.
- c) Analisar a proximidade ao cônjuge de participantes adultos, casados ou em união de facto, com ou sem filhos e compreender diferenças em função da idade, sexo e nível sócio-económico.
- d) Perceber as associações entre satisfação conjugal, vinculação/afectividade ao cônjuge e proximidade.

3.1.4 Questões de Investigação

As questões de investigação constituem o esqueleto de qualquer estudo empírico exploratório, definindo os contornos do que se ambiciona averiguar e orientando, assim, o investigador.

Assim, formulámos as seguintes questões de investigação:

1. Como se caracterizam os participantes relativamente à *Satisfação Conjugal*, à *Vinculação/Afectividade* e à *Proximidade* ao cônjuge?
2. A *Satisfação Conjugal* varia em função do *Sexo*, *Idade* e pelo *Nível Sócio-Económico* dos participantes?
3. A *Vinculação/Afectividade* ao cônjuge varia em função do *Sexo*, *Idade* e *Nível Sócio-Económico* dos participantes?
4. A *Proximidade* ao cônjuge varia em função do *Sexo*, *Idade* e *Nível Sócio-Económico* dos participantes?
5. Que associações existem entre *Satisfação Conjugal*, *Proximidade* e *Vinculação/Afectividade* ao cônjuge?

3.1.5 A Estratégia Metodológica de Investigação

3.1.5.1 Processo de selecção da amostra

A amostra do presente estudo consiste num recorte de uma amostra de uma investigação mais abrangente sobre Conjugalidade e Parentalidade, como já referimos, a decorrer no Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica. Tal investigação levou à recolha de uma amostra com os seguintes critérios: participantes em situação de conjugalidade (primeiro casamento ou união de facto), sem ou com filhos (neste caso, pelo menos um dos filhos com idade compreendida entre os 2 e os 18 anos).

Recorreu-se a um processo de amostragem por conveniência, tratando-se, pois, de uma amostra não probabilística (Maroco, 2007). Todos os participantes da amostra foram devidamente informados dos objectivos da investigação e voluntariaram-se para nela participar.

3.1.5.2 Caracterização da amostra⁷

A amostra é composta por 633 sujeitos, 301 do sexo masculino e 332 do sexo feminino.

As suas idades estão compreendidas entre os 20 e os 59 anos, estando o grupo etário dos 40-59 em maior percentagem – 45.0%, seguido do grupo etário dos 30-39 com 36.2% e, por fim, o grupo etário dos 20-29 com 18.8%.

Relativamente aos anos de escolaridade, 2.8% têm entre 0-4 anos, 13.3% entre 5-9 anos, 25.3% entre 10-12 anos, 58.5% têm frequência universitária ou concluíram o ensino superior.

Em relação ao nível sócio-económico, 9.8% dos participantes (N=62) encontram-se no nível baixo, 39.7% (N=251) encontram-se no nível médio e 50.6% (N=320) encontram-se no nível médio-alto/Alto.

Constatou-se que a maior parte destes casais se encontra no seu primeiro casamento e os tempos de relação conjugal mais frequentes entre os sujeitos casados da amostra são os dos que vivem nesta situação há 20 ou mais anos, com uma percentagem de 24,1% (N=131) seguindo-se os que estão compreendidos entre os 15-19 anos de casamento, com uma percentagem de 23.6% (N=128), os que têm entre 0 e 4 anos de casamento com 21.2% (N=115), entre 5-9 anos com 16.4% (N=89), e, finalmente, entre 10-14 anos com 14.7% (N=80). Em união de facto, são os casais que vivem juntos à 2-4 anos os mais frequentes, com uma percentagem de 66%, (N=64), seguidos dos que vivem juntos à 5-9 anos, com uma percentagem de 25,8% (N=25), os que têm entre 10 e 14 anos com 4,1% (N=4), e, por último, os que estão casados à 15-19 anos ou mais de 20 representam cada um, apenas 1% da nossa amostra (N=1).

Quanto à situação relacional, 85.9% (N=543) são casados e 14.1% (N=97) coabitam em união de facto.

Em relação à Parentalidade, verificou-se que 70.9% dos indivíduos (N=449) tinham filhos e que 29.1% (N=184) não tinham filhos.

3.1.5.3 A selecção e descrição dos instrumentos utilizados

Os instrumentos utilizados foram a EASAVIC (Anexo I), a A&QRI-S (Anexo II) o IOS (Anexo III), e, ainda, um questionário geral (Anexo IV). Todos estes

⁷ A tabela, em Anexo, apresenta uma descrição mais detalhada da amostra.

questionários eram acompanhados por uma folha inicial, correspondente ao protocolo de apresentação, o qual contextualizava a investigação (Anexo V).⁸

3.1.5.3.1 - Questionário Geral

O Questionário Geral permitiu recolher informação sobretudo relativa a aspectos sócio-demográficos (por exemplo, sexo, nível de escolaridade, origem étnica, situação profissional, zona de residência, filhos, opção religiosa e grau de religiosidade),.

3.1.5.3.2 - Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal – EASAVIC

A Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal desenvolvida por Narciso e Costa (1996) assenta no pressuposto que a satisfação conjugal resulta de uma avaliação pessoal do casamento e, desta forma, pretende avaliar a satisfação conjugal geral, bem como a satisfação conjugal em diversas áreas da vida conjugal. É constituída por 44 itens e permite que cada indivíduo avalie a sua satisfação entre Nada Satisfeito (1), Pouco Satisfeito (2), Razoavelmente Satisfeito (3), Satisfeito (4), Muito Satisfeito (5) e Completamente Satisfeito (6), sendo, portanto, uma escala de Likert⁹.

A equipa de investigação em que este estudo se insere decidiu realizar um novo estudo sobre as características psicométricas da EASAVIC, com uma amostra de 652 indivíduos casados ou em união de facto, uma vez que se passaram cerca de 15 anos desde os anteriores estudos psicométricos realizados aquando da criação da escala. Assim, o mais recente estudo indicou uma elevada fiabilidade com um alpha de Chronbach de .97, tendo a análise das ordens revelado uma estrutura unifactorial.

No presente estudo, optámos por efectuar uma Análise Classificatória Hierárquica de Variáveis, - de modo a percebermos como se organizavam em grupos os itens da escala EASAVIC, permitindo, assim, uma leitura mais diferenciada da satisfação em áreas de vida conjugal, tendo sido utilizado o método Complete Linkage

⁸ Como este estudo se encontra inserido numa investigação mais ampla sobre Conjugalidade e Parentalidade, os sujeitos responderam a outros instrumentos, para além dos referidos.

⁹ O estudo psicométrico da escala, aquando da sua criação, foi realizado com uma amostra de 219 indivíduos casados. A análise em componentes principais revelou dois factores, sendo que o factor 1 agrupava os itens relativos à dimensão amor e o factor 2 agrupava os itens relativos à dimensão funcionamento. Os valores de alpha eram superiores a .90.

(*Furthest-neighbor*). Esta análise apesar de ser uma técnica mais “elementar” relativamente à análise Factorial, porque não apresenta qualquer assumpção relativa ao número de clusters/variáveis ou à estrutura entre estes, - é um método particularmente robusto à existência de relações estruturais entre os dados iniciais (Maroco, 2007).

Através do procedimento estatístico acima referido, obtiveram-se, para a EASAVIC, os seguintes agrupamentos dos 44 itens: Intimidade (14, 15, 16, 19-44), Rede Social (17,18,19), Autonomia (10,11,12,13), Conflito (17,18), Funções Familiares (1,2,3,4) e Tempos Livres (5,6). Estes agrupamentos revelaram um elevado grau de fiabilidade, com alphas de Cronbach de 0.97 para a intimidade, 0.73 para a Rede Social, 0.82 para a autonomia, 0.81 para o conflito, 0.84 para as Funções Familiares e 0.70 para os Tempos Livres.

3.1.5.3.3 - Escala da Vinculação e Qualidade da Relação – A & QRI-S

A A&QRI-S é uma escala desenvolvida por Moreira (2002), resultando da integração de duas escalas diferentes: o QRI desenvolvido por Pierce e colaboradores (1997) e o QER – Questionário de Estilo Relacional (Moreira, 2002). É constituída por 22 itens, respondidos numa escala de *Likert* de 5 pontos – *Discordo Totalmente (1)*, *Discordo Moderadamente*, *Não Concordo nem Discordo*, *Concordo Moderadamente* e *Concordo Totalmente (5)* –, e pretende avaliar a qualidade relacional e dimensões de vinculação relativamente a figuras de vinculação principais: mãe, pai e um outro significativo¹⁰.

Narciso, Ribeiro e Ferreira (2008) realizaram o estudo psicométrico desta escala, o que se considerou pertinente, uma vez que a amostra da presente investigação assume características muito diferentes das da amostra utilizada por Moreira (2002) aquando da criação da escala. No que se refere ao Cónjuge, a Análise em Componentes Principais revelou uma estrutura unifactorial, o que permite apenas avaliar o grau mais seguro ou inseguro de Vinculação/Afectividade ao Cónjuge.

Da mesma forma, tal como acima descrito para a escala EASAVIC, e seguindo os procedimentos indicados por Maroco (2007), para se encontrar uma organização dos

¹⁰ O estudo psicométrico da A&QRI-S foi realizado a partir de uma amostra de estudantes de enfermagem. A análise factorial exploratória revelou a presença de seis factores – intensidade, apoio e confiança, vinculação preocupada, conflito e desconfiança com proximidade. Os valores de Alpha variavam entre .81 e .92.

itens em grupos que permitisse uma análise mais diferenciada da Vinculação/Afectividade ao cônjuge, optámos por efectuar uma Análise Classificatória Hierárquica das variáveis, utilizando-se o método Complete Linkage (*Furthest-neighbor*).

Assim obtiveram-se os seguintes grupos: Afectividade Segura (itens, 2, 3, 6, 10, 12, 14, 16, 18 e 21), Afectividade Preocupada (itens 5, 13, e 17), Afectividade Evitante (1, 7, 9, 11, 15, 19) e Afectividade Conflituosa (4, 8, 20 e 22). Estes agrupamentos revelaram um grau de fiabilidade aceitável, com alphas de Cronbach de 0.76 para a Afectividade Segura, 0.77 para a Afectividade Conflituosa, 0.72 para a Afectividade Evitante e de 0.65 para a Afectividade Preocupada.

3.1.5.3.4 - Escala de Inclusão do Outro no *Self* – IOS

A presente escala, *Inclusion of Other in the Self Scale*, de Aron, Aron & Smollam (1992), foi desenvolvida, por estes investigadores, com o objectivo de proporcionar uma avaliação mais rigorosa do constructo proximidade e é com esse intuito que ela é utilizada na presente investigação – avaliar a proximidade entre os membros do casal.

A IOS é uma medida gráfica constituída por um só item, que engloba sete diagramas de Venn, que representam diferentes graus de sobreposição entre dois círculos que, por sua vez, representam o *Self* e o *Outro* (Aron, Aron & Smollan, 1992). Na aplicação desta escala, é pedido ao participante que escolha, de um leque de sete, a figura que mais se assemelha à sua relação com o/a companheiro/a. Cada figura corresponde ao grau de proximidade que o/a participante percepçiona na sua relação com o/a companheiro/a.

O estudo psicométrico de uma escala de um só item não permite o recurso à análise factorial ou à avaliação da consistência interna. No entanto, vários foram os métodos utilizados pelos autores no sentido de validarem a prova. Em primeiro lugar, avaliaram a fidelidade de formas alternativas: comparando a escala com círculos com a mesma escala com figuras em forma de diamante, demonstrando que formas diferentes tinham o mesmo resultado. Procederam, ainda, ao teste-reteste, tendo obtido uma correlação .85. Para além destes procedimentos, os autores efectuaram estudos correlacionais com o Relationship Closeness Inventory (Berscheid, Snyder, & Omoto, 1989), a Intimacy Scale de Sternberg (1988) e com outras medidas de proximidade, que

demonstraram a validade concorrente e convergente da escala IOS. Foi também demonstrada a sua validade preditiva, sendo que a IOS se revelou significativamente correlacionada, entre outros aspectos, com a probabilidade de uma relação continuar intacta três meses mais tarde ($r = .46$) (Aron, Aron & Smollan, 1992).

3.1.5.4 Procedimentos na recolha Dados

A recolha de dados decorreu entre Dezembro e Janeiro de 2007/2008. Os participantes foram convidados a colaborar num estudo, sobre relações familiares, conduzido na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa. A recolha de dados foi efectuada através da entrega aos participantes de um protocolo que continha o conjunto de questionários incluídos, na referida investigação a decorrer no Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica, e com instruções padronizadas.

Na primeira folha do conjunto de questionários, estava um pedido de colaboração voluntária, sendo fornecidas explicações acerca dos objectivos gerais do estudo e garantido a total confidencialidade das respostas. Aquando do preenchimento dos questionários estes eram devolvidos, na sua maioria, em mão ou através do correio.

Apenas foram considerados para amostra os questionários preenchidos na totalidade, e por ambos os parceiros do casal (caso fossem os dois a participar no estudo).

3.1.5.5 Análise de resultados

Após os dados recolhidos, foi construída uma base de dados no programa *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS) versão 15.0 para windows e efectuado o estudo das qualidades psicométricas – precisão estrutural e factorial – das escalas utilizadas. A análise estatística dos dados já foi efectuada com a versão 16.0 do mesmo programa.

Num momento inicial, foi realizada a análise estatística descritiva com o objectivo de caracterizar a amostra de acordo com os dados recolhidos com o questionário sócio-demográfico e com as variáveis consideradas – Satisfação Conjugal, Vinculação amorosa, Proximidade ao cônjuge – em termos da média, mediana, desvio-padrão, valor mínimo, máximo, assim como o cálculo de frequência e percentagem de acordo com a natureza dos dados.

De seguida, recorreu-se à análise da normalidade das distribuições das variáveis e à homogeneidade das variâncias, avaliadas respectivamente pelo teste de Kolmogorov-Smimov e pelo teste de Levene. Foi também realizada a análise dos compostos, pelo cálculo da soma, média e percentagem média das variáveis estudadas.

Num terceiro momento, procedeu-se à análise das diferenças médias das variáveis e, para isso, foram realizados testes estatísticos, paramétricos e não paramétricos, respeitando-se o critério de homogeneidade das variâncias para a utilização de testes paramétricos,

Por último, foi feita a análise das correlações entre as variáveis consideradas através de uma correlação de *Pearson*.

4. Apresentação dos Resultados

Este capítulo inicia-se com a apresentação e exploração dos resultados descritivos - média, desvio-padrão, valor mínimo e máximo - de todas as escalas utilizadas neste estudo, e de acordo com os grupos que foram encontrados na Análise Classificatória Hierárquica de variáveis - EASAVIC (Narciso e Costa, 1996), A&QRI-S (versão cônjuge, Moreira, 2002), presentes no Quadro 1, 2 e IOS (Aron, Aron & Smollan, 1992).

Como se caracterizam os casais relativamente à *Satisfação Conjugal*, à *Vinculação/Afectividade* e à *Proximidade* ao cônjuge?

Quadro 1: Estatística descritiva: Médias, Desvios-padrão, Mínimos e Máximos da Satisfação Média Global e dos vários grupos que a compõe

Grupos	Média	Desvio-padrão	Mínimo	Máximo
Satisfação Conjugal Global	4.74	0.700	1.86	6.00
Intimidade	4.89	0.700	1.49	6.00
Autonomia	4.63	0.871	1.00	6.00
Funções Familiares	4.5	0.907	1.00	6.00
Tempos Livres	3.82	1.038	1.00	6.00
Conflitos	4.44	1.063	1.00	6.00
Rede Social	4.52	0.895	1.67	6.00

A média está arredondada a duas casas decimais e o desvio padrão a três;

Relativamente à variável *Satisfação Conjugal Global*, podemos observar uma média de *Satisfação Conjugal Global* de 4.74, com um desvio-padrão de 0.7 que, numa escala de Likert de 1 a 6, significa que os participantes se situam, em média, entre Satisfeitos e Muito satisfeitos. De todos os grupos/dimensões¹¹ da Satisfação Conjugal, a dimensão Tempos Livres é, sem dúvida, aquela em que os participantes estão menos satisfeitos, enquanto a área da vida conjugal de maior satisfação parece ser a de

¹¹ Embora, na Análise Classificatória Hierárquica de Variáveis, seja mais correcto utilizar a designação de Grupos ou Classes de Variáveis, optaremos, doravante, pela designação de Dimensões, sempre que a eles nos referimos.

Intimidade, uma vez que é nesta dimensão que se encontram resultados médios mais elevados.

Relativamente à *Vinculação/Afectividade*, verifica-se que a média na *Vinculação/Afectividade Segura* é de 4.6, a média na *Vinculação/Afectividade Preocupada* é de 2.28, na *Conflituosa* é de 1.94, e, por último, na *Evitante* é de 1.45. Estes resultados parecem indicar padrões predominantes de *Vinculação/Afectividade Segura*. Relativamente aos padrões inseguros, os resultados indicam uma maior predominância de *Vinculação/Afectividade Preocupada*.

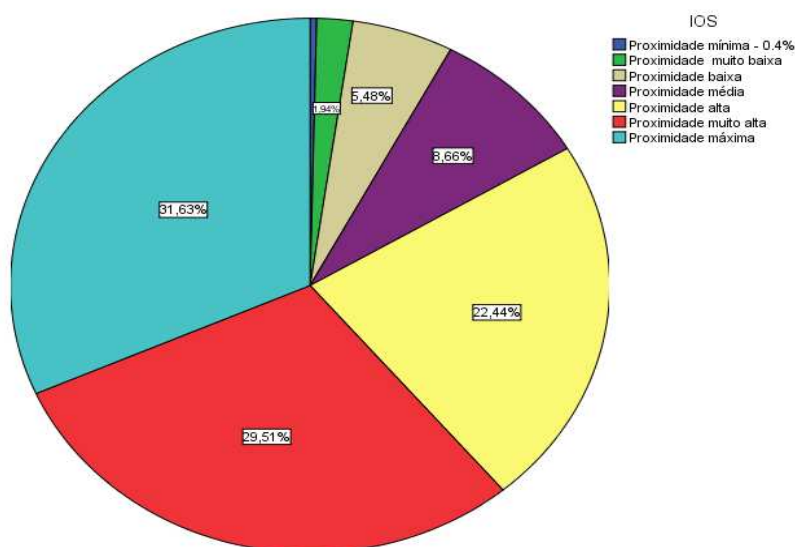
Quadro 2: Estatística descritiva: Médias, Desvios-padrão, Mínimos e Máximos dos vários Estilos de *Vinculação/Afectividade* ao Cônjuge

Grupos	Média	Desvio-padrão	Mínimo	Máximo
Vinculação/Afectividade Segura	4.63	0.43	2.56	5
Vinculação/Afectividade Conflituosa	1,94	0.885	1.00	5
Vinculação/Afectividade Evitante	1.45	0.569	1.00	4.33
Vinculação/Afectividade Preocupada	2.28	1.135	1.00	5

A média está arredondada a duas casas decimais e o desvio padrão a três;

Relativamente à *Proximidade ao Cônjuge*, a análise da distribuição de frequências mostrou que, quer os homens quer as mulheres, se posicionaram ao longo de todas as possibilidades de resposta (de 1 a 7). Apesar de as três primeiras possibilidades de resposta terem apenas 7.8% da percentagem total das respostas, não há nenhuma opção que apresente valores superiores a 50%. A opção mais escolhida pelos participantes foi a 7 que apresenta 31.63% das respostas, sendo a mediana de respostas 6. Na figura 3, apresenta-se um gráfico circular com a distribuição de percentagens para o total da amostra (N= 633). Apesar das respostas se situarem mais próximas do pólo que indica maior proximidade, pode-se considerar que existe variabilidade nas respostas dos participantes e, conseqüentemente, esta escala apresenta poder discriminativo.

Figura 3: Gráfico circular com a variação de respostas, em percentagem, à escala IOS - grau de Proximidade ao cónjuge



Poderá a *Satisfação Conjugal* ser influenciada pelo *Sexo, Idade* e pelo *Nível Sócio-Económico*?

Para se verificar se existiam diferenças significativas entre os valores médios relativos à *Satisfação Conjugal Global* percebida por homens e mulheres, foi efectuado o teste paramétrico T-Student, que permite a comparação de duas médias populacionais a partir de amostras aleatórias independentes¹². Desta forma, no que toca à *Satisfação Conjugal Global Média* as diferenças entre homens e mulheres não são estatisticamente significativas ($t= 0.362$ e $p= 0.718$), observando-se valores bastante elevados em ambos os grupos.

No entanto, após terem sido analisados todos os Grupos da *Satisfação Conjugal - Intimidade, Autonomia, Tempos Livres, Conflitos, Rede Social e Funções Familiares* -, podemos afirmar que existem diferenças significativas entre homens e mulheres na satisfação com as *funções familiares* ($U= 39766.5$; $W= 95377.5$; $p= 0.00$), sendo a média dos homens significativamente superior à das mulheres, como se pode observar no quadro 3. Tal significa que os homens se encontram mais satisfeitos na área de vida conjugal relativa às funções familiares do que as mulheres¹³.

¹² Os pressupostos deste método estatístico quanto à homogeneidade de variâncias foram avaliadas nos dois grupos.

¹³ Esta última comparação exigiu a utilização de um teste não paramétrico, teste de Wilcoxon-Mann-Whitney, que substitui o teste T-Student quando a amostra não é homogénia.

Quadro 3: Comparação das médias do Grupo Funções Familiares entre sexos

Grupo	Médias das Ordens		U	W	p
	Homens (n= 288)	Mulheres (n= 321)			
Funções Familiares	346.2	286.4	39766.5	95377.5	0.00

Relativamente à variável *Idade*, e de forma a realizar a comparação de médias de mais que duas populações, utilizou-se a ANOVA (*one way*), especificamente o Teste de Tukey, que é um dos mais robustos a desvios à normalidade e homogeneidade das variâncias (Maroco, 2007). Caso não se verifiquem as condições necessárias à aplicação do teste paramétrico, deverá ser utilizado o teste não paramétrico de Kruskal-Wallis, seguido da comparação múltipla de médias das ordens, como descrito em Maroco (2007).

Desta forma, e no que toca à *Idade* dos cônjuges, podemos referir que as diferenças em relação à *Satisfação Conjugal Global* são estatisticamente significativas ($X^2_{kw(2)} = 30.473$; $p = 0.00$). A partir do teste post-hoc (LSD), verificaram-se diferenças entre os 20-29 anos e os restantes grupos etários 30-39 e 40-59 anos, sendo a *Satisfação Conjugal Global* dos participantes com idades compreendidas entre 20-29 significativamente superior à dos que têm entre 30-39 anos e dos que têm entre 40-59 anos. Também a Satisfação com a *Intimidade*, *Tempos Livres*, *Conflitos*, *Rede Social* e *Funções Familiares* deste grupo, 20-29, é significativamente superior à dos restantes, como se pode observar no quadro 4 e 5. Apenas na satisfação com a *Autonomia* se encontram valores iguais nos três grupos etários, como se observa no quadro 4.

Quadro 4: Comparação das médias de Satisfação Conjugal Global , Intimidade e Autonomia entre Idades

Grupos	Médias das Ordens			$X^2_{kw} - p$
	20-29 (n=119)	30-39 (n=229)	40-59 (n=285)	
SCG	387.34*	283.62	288.37	$X^2_{kw(2)} = 30.473$, $p = .00$
Intimidade	393.52*	289.61	287.29	$X^2_{kw(2)} = 32.792$, $p = .00$
Autonomia	342.7	301.0	313.5	$X^2_{kw(2)} = 4.139$, $p = .126$

Nota: Nível de significância a $p = 0.05$;

* Difere significativamente dos outros dois grupos etários

Quadro 5: Comparação das médias de satisfação com os Tempos Livres, Conflitos, Rede Social e Funções Familiares entre Idades

Grupos	Médias das Ordens			F - p
	20-29 (n=119)	30-39 (n=229)	40-59 (n=285)	
Tempos Livres	4.15*	3.75	3.73	F= 7.636, p= .001
Conflitos	4.69*	4.35	4.41	F= 4.318, p= .014
Rede social	4.85*	4.42	4.45	F= 10.766, p= .00
Funções Familiares	4.72*	4.41	4.47	F= 4.821, p= .008

Nota: * Difere significativamente dos outros dois grupos etários

Relativamente ao *Nível Sócio-Económico (NSE)*, e para se verificar se existiam diferenças significativas entre o Nível Sócio-Económico Baixo, Médio e Médio-alto/Alto e a *Satisfação Conjugal Global*, foram utilizados novamente os testes estatísticos, acima descritos para as outras variáveis independentes. Deste modo, pode-se afirmar que foram verificadas diferenças estatisticamente significativas entre a *Satisfação Conjugal Global* e os *Níveis Sócio-Económicos* ($F=2.885$, $p= .057^{14}$). revelando os participantes do nível Sócio-económico médio-alto/Alto valores mais elevados de *Satisfação Conjugal Global*.

A *Satisfação* com a *Autonomia*, *Tempos Livres*, *Conflitos*, *Rede Social* e *Funções Familiares* difere significativamente entre os Níveis Sócio-Económicos. Relativamente à *Autonomia* e *Tempos Livres*, pode-se afirmar que existem diferenças estatisticamente significativas entre o Nível Sócio-Económico Médio e Médio-alto/Alto, estando os segundos mais satisfeitos em relação à *Autonomia* e *Tempos Livres*. No que toca aos *Conflitos*, são os cônjuges com o Nível Sócio-Económico Baixo que estão menos satisfeitos, resultado significativamente inferior ao do nível Médio-alto/Alto. No que toca à satisfação com a Rede Social, são os participantes de Nível Sócio-económico médio que se encontram menos satisfeitos, diferindo significativamente do nível médio-alto/Alto. Em relação às *Funções Familiares*, são os cônjuges com o NSE Médio-alto/Alto que estão mais satisfeitos, diferindo significativamente dos outros níveis. Estes resultados podem ser observados no quadro 6.

¹⁴ Por ser um valor muito próximo do nível de significância, foi considerado significativo.

Quadro 6: Comparação das médias da Satisfação Conjugal Global e dos seus Grupos: Intimidade, Autonomia, Tempos Livres, Conflitos, Rede Social e Funções Familiares entre Níveis Sócio-económicos

Grupos	Médias das Ordens			F - p
	Baixo (n=62)	Médio (n=251)	Médio-alto/ Alto (n=320)	
SMG	4.66	4.67	4.81*	F=2.885, p= .057
Intimidade	4.82	4.85	4.94	F=1.283, p=.278
Autonomia	4.58	4.5* ¹	4.74	F=5,526, p=.004
Tempos Livres	3.64	3.69* ¹	3.95	F= 5,112, p= .006
Conflitos	4.11* ¹	4.4	4.53	F= 4.333, p=.014
Rede social	4.58	4.41* ¹	4.59	F= 2.862, p=.058
Funções Familiares	4.31	4.39	4.62*	F=5.960 , p=.003

Nota: *¹ Difere significativamente do Nível Sócio-Económico Médio-alto\ Alto

* Difere significativamente dos outros dois Níveis Sócio-Económicos

Poderá a Vinculação/Afectividade ao cônjuge ser influenciada pelo Sexo, Idade e Nível Sócio-Económico?

Para se verificar a existência de diferenças estatisticamente significativas entre os valores médios relativos aos vários padrões de *Vinculação/Afectividade* de homens e mulheres, foi efectuado o teste paramétrico T-student, como referido acima para a *Satisfação Conjugal Global*. Podemos afirmar, de acordo com os dados obtidos, que não existem diferenças estatisticamente significativas entre homens e mulheres, sendo as médias, para cada padrão de *Vinculação/Afectividade*, muito semelhantes.

Relativamente à variável idade, o procedimento estatístico é semelhante ao anteriormente descrito para a comparação de diferenças médias da variável *Satisfação Conjugal Global*. Para se verificar se existiam diferenças significativas na *Vinculação/Afectividade Segura* e *Vinculação/Afectividade Evitante* em função da idade, aplicou-se o teste não paramétrico Kruskal-Wallis, seguido da comparação múltipla de médias das ordens, como descrito em Maroco (2007), e relativamente à *Vinculação/Afectividade Conflituosa* e *Vinculação/Afectividade Preocupada*, utilizou-se o teste paramétrico Anova (*one way*).

Podemos observar, através do quadro 7, que, para a *Vinculação/Afectividade Segura*, existem diferenças estatisticamente significativas entre os vários grupos etários ($X^2_{kw}(2)=9.896$, $p=.007$), sendo que o grupo 20-29 apresenta uma média

significativamente superior à média dos restantes, 30-39 e 40-59. Relativamente à *Vinculação/Afectividade Evitante e Vinculação/Afectividade Conflituosa*, como se observa, no quadro 7 e 8, existem diferenças significativas entre o grupo etário dos 40-59 e os restantes, apresentando aqueles um valor médio significativamente superior.

Quadro 7: Comparação dos resultados médios dos padrões de Vinculação/Afectividade Segura e Vinculação/Afectividade Evitante ao cônjuge, entre idades

Grupos	Médias das Ordens			X² kw - p
	20-29 (n=119)	30-39 (n=229)	40-59 (n=285)	
Vinculação/Afectividade Segura	326.3*	271.2	277.0	X ² kw (2)=9.896, p= .007
Vinculação/Afectividade Evitante	245.8	272.5	315.7*	X ² kw (2)=17.297, p= .00

Nota: * Difere significativamente dos outros dois grupos etários

Quadro 8: Comparação dos resultados médios dos estilos de Vinculação/Afectividade Conflituosa e Preocupada ao cônjuge entre idades

Grupos	Médias das Ordens			F - p
	20-29 (n=119)	30-39 (n=229)	40-59 (n=285)	
Vinculação/Afectividade Conflituosa	1.76	1.93	2.03*	F= 3.658, p= .026
Vinculação/Afectividade Preocupada	2.21	2.23	2.37	F= 1.171, p= .311

Relativamente ao Nível Sócio-Económico, foram utilizados os mesmos testes estatísticos que anteriormente: teste paramétrico Anova (*one-way*) para as *Vinculações/Afectividades Segura, Conflituosa e Preocupada*, e o teste não paramétrico Kruskal-Wallis, seguido da comparação múltipla de médias das ordens, como descrito em Maroco (2007), para a *Vinculação/Afectividade Evitante*.

É possível observar, através do quadro 9, que existem diferenças estatisticamente significativas, no que respeita às médias da *dimensão Vinculação/Afectividade Segura* relativamente aos Níveis Sócio-Económicos, nomeadamente entre o nível médio e o nível médio-alto/alto ($F= 3.555$; $p= 0.024$), reportando os primeiros níveis menos elevados de Afectividade Segura. Quanto à *dimensão Vinculação/Afectividade Conflituosa* não se registaram quaisquer diferenças estatisticamente significativas ($F= 1.503$, $p= 0.223$). Por outro lado, no que concerne à *Vinculação/Afectividade Evitante*, todos os grupos diferem significativamente uns dos

outros ($F= 26.322$, $p= 0.00$), sendo no nível médio baixo que se verificam os valores mais elevados e no nível médio-alto/alto os mais baixos, ou seja, os participantes do nível sócio-económico baixo são os que mais revelam afecto evitante. Em relação à *Afectividade Preocupada*, verificam-se diferenças estatisticamente significativas entre o Nível Médio-alto/Alto e os restantes, sendo a média deste bastante inferior à do Nível Médio e do Nível Baixo.

Quadro 9: Comparação dos resultados médios da Vinculação/Afectividade Segura, Conflituosa e Preocupada ao cônjuge entre Níveis Sócio-económicos

Grupos	Médias das Ordens			F - p
	Baixo (n=62)	Médio (n=251)	Médio-alto/ Alto (n=320)	
Vinculação/Afectividade Segura	4.66	4.58* ¹	4.67	F=3.555, p= .029
Vinculação/Afectividade Conflituosa	2.07	1.97	1.88	F=1.503, p=.223
Vinculação/Afectividade Preocupada	2.66	2.44	2.06*	F=10,958, p=.000

Nota: *¹ Difere significativamente do Nível Sócio-Económico Médio-alto\ Alto;

* Difere significativamente dos outros dois Níveis Sócio-Económicos;

Quadro 10: Comparação dos resultados médios da Vinculação/Afectividade Evitante ao cônjuge entre Níveis Sócio-económicos

Grupos	Médias das Ordens			X² kw - p
	Baixo (n=62)	Médio (n=251)	Médio-alto/ Alto (n=320)	
Vinculação/Afectividade Evitante	380.2*	310.1*	240.5*	X ² kw (2)=48.328, p= .00

Nota: * Difere significativamente dos outros dois Níveis Sócio-Económicos;

Poderá a Proximidade ao Cônjuge ser influenciada pelo Sexo, Idade e Nível Sócio-Económico?

Para se verificar a existência de diferenças estatisticamente significativas entre a Proximidade ao cônjuge e o *Sexo*, foi realizado o teste não paramétrico de Mann-Whitney. Desta forma, verificou-se que não existem diferenças estatisticamente significativas entre homens e mulheres ($U= 36845,000$; $W= 82598,000$; $p= ,107$).

Em relação à Idade, o Teste não paramétrico de Kruskal-Wallis, seguido da comparação múltipla de médias das ordens, como descrito em Maroco (2007), permitiu verificar que existiam diferenças significativas ($X^2_{kw}(2)= 9,365$; $p= ,009$) no que toca a esta variável, sendo o grupo etário dos 20 aos 29 que revela valores significativamente superiores aos do grupo 30-40, o que permite observar, quadro 11, que os cônjuges mais novos se sentem mais próximos.

Da mesma forma, para os Níveis Sócio-Económicos, a utilização do mesmo teste, revelou diferenças estatisticamente significativas, como se pode observar no quadro 12, ($X^2_{kw}(2)= 11.942$; $p= .003$), verificando-se que o Nível Sócio Económico Médio-alto/Alto difere significativamente do nível Médio e do Nível Baixo, representando o valor mais baixo para a *Proximidade ao cônjuge*.

Quadro 11: Diferença dos resultados médios da Proximidade consoante a Idade

	<i>Médias das Ordens</i>			$X^2_{kw} - p$
	20-29 (n=119)	30-39 (n=229)	40-59 (n=285)	
Proximidade	316.98*	262.08	287.23	$X^2_{kw} (2)= 9,365$; $p= ,009$

Nota: * Difere significativamente do grupo etário dos 30 aos 39;

Quadro 12: Diferença dos resultados médios da Proximidade consoante o Nível Sócio-económico

<i>Grupos</i>	<i>Médias das Ordens</i>			$X^2_{kw} - p$
	Baixo (n=62)	Médio (n=251)	Médio-alto/ Alto (n=320)	
Proximidade	318.72	301.41	260* ¹	$X^2_{kw} (2)=11.942$, $p= .003$

Nota: *¹ Difere significativamente do Nível Sócio-Económico Baixo e Médio;

Que associações existem entre *Satisfação Conjugal*, *Proximidade* e *Vinculação/Afectividade*?

Pode-se observar, através do Quadro 13, que a Satisfação Conjugal se encontra fortemente correlacionada com a Afectividade Segura ($p= 0.61$) e com a Proximidade ($p= 0.524$), estando as duas últimas também correlacionadas positivamente entre si ($p= 0.356$), embora apresentem uma correlação menos forte. Verifica-se, também, que a Satisfação Conjugal Global está inversamente correlacionada com os estilos de Vinculação/Afectividade inseguros - Conflituosa, Evitante e Preocupada - no entanto em graus diferentes, sendo com a Afectividade Conflituosa que se encontra a correlação negativa mais forte (-0.529). O mesmo acontece com a Proximidade, que está inversamente correlacionada com os mesmos estilos de Afectividade, e mais uma vez é com a Afectividade Conflituosa que se verifica a correlação negativa mais forte (-0.293).

A Proximidade está fortemente correlacionada com a intimidade (0.544), como seria de esperar, sendo portanto um bom indicador desta.

Tal como para a Satisfação Conjugal Global, todas as dimensões desta estão correlacionadas positivamente com a Vinculação/Afectividade Segura e inversamente com os outros três estilos inseguros de Vinculação/Afectividade. É a dimensão da intimidade que se verifica mais fortemente correlacionada com a Afectividade segura, seguida dos conflitos, funções familiares e autonomia, também com correlações moderadas.

Dos estilos de vinculação inseguros é a Afectividade Conflituosa que revela a correlação negativa mais forte com a intimidade (-0.529), os Conflitos (-0.501) e as Funções Familiares (-0.405). Tal como a anterior, também a Afectividade Evitante revela uma correlação negativa forte com a Intimidade (0.544).

A Afectividade Preocupada é a que apresenta uma correlação mais fraca (ainda que significativa) com a Satisfação Conjugal, as suas dimensões e a Proximidade.

As dimensões, Rede Social e Tempos Livres, são as que apresentam correlações mais fracas com os estilos de Vinculação/Afectividade e Proximidade.

Quadro 13: Matriz das Correlações de Pearson para os resultados médios das variáveis em estudo

	Afectivida de Segura	Afectividade Conflituosa	Afectividade Evitante	Afectividade Preocupada	Proximidade
SCG	0.610*	-0.529*	-0.463*	-0.376*	0.524*
Intimidade	0.608*	-0.505*	-0.450*	-0.356*	0.544*
Conflitos	0.444*	-0.501*	-0.379*	-0.321*	0.336*
Funções Familiars	0.483*	-0.405*	-0.378*	-0.303*	0.339*
Autonomia	0.398*	-0.379*	-0.335*	-0.302*	0.251*
Rede Social	0.298*	-0.255*	-0,183*	-0.183*	0.190*
Tempos Livres	0.345*	-0.298*	-0.279*	-0.232*	0.296*
Proximidade	0.356*	-0.293*	-0.214*	-0.098* ¹	-----

Nota: *Correlação significativa ao nível de 0.01

*¹ Correlação significativa ao nível de 0.05

SCG – Satisfação Conjugal Global

5. Discussão dos Resultados

Para facilitar a leitura da discussão dos resultados, optou-se por recapitular novamente as questões de investigação - agora organizadas segundo as variáveis sócio-demográficas - e, tendo em conta os resultados obtidos, discuti-las, integrando a investigação existente e procurando possíveis significações.

5.1. Diferenças em função do sexo

Apesar de todas as diferenças que o mundo e a sociedade nos últimos 200.000 anos, se tem encarregue de moldar e impregnar, e de todas as evidências empíricas da Psicologia Evolutiva, que indicam que o comportamento e a motivação sexual é diferente entre homens e mulheres, não se verificou nesta investigação, diferenças estatisticamente significativas, na *Satisfação Conjugal Global Média*, na média dos vários estilos de *Afectividade/Vinculação ao cônjuge* e na *Proximidade Emocional* entre **homens e mulheres**. Estes resultados estão de acordo com os verificados por Gilford e Bengtson (1979 cit. em Greeff & Malherbre, 2001), que indicaram que não eram significativas as diferenças entre homens e mulheres na satisfação conjugal. Também Crespo (2007) obteve o mesmo resultado, não encontrando diferenças significativas entre os sexos.

As *Funções Familiares* destacam-se como sendo o único grupo que apresenta diferenças estatisticamente significativas entre homens e mulheres, sendo as mulheres que referem menor satisfação. Este resultado tem sido verificado em vários estudos, podendo-se referir que, apesar das tendências actuais¹⁵, mantém-se, na realidade portuguesa uma organização e funcionamento familiar tradicional, caracterizado por um sistema patriarcal, em relação às funções familiares.

Apesar de vivermos numa realidade na qual, quer o marido quer a esposa, precisam de trabalhar no exterior, ficando o tempo dedicado à casa muito semelhante para ambos é ainda a mulher que permanece como responsável máxima pela educação dos filhos e pelas tarefas domésticas (Gottman, 2002; Perlin e Diniz, 2005). Apesar de se constatar uma maior participação dos maridos nas tarefas de casa e no cuidado com

¹⁵ Mutações nos papéis femininos e masculinos, novos valores familiares, taxas mais elevadas de divórcio, subida dos valores da coabitação, descida da fecundidade e aumento da esperança de vida, maior autonomia dos indivíduos e dos casais em relação aos laços de parentesco.

as crianças quando a esposa trabalha fora, esta participação é ainda pequena quando comparada com a carga que a mulher, geralmente, assume (Almeida e colaboradores, 1993 cit. por Perlin e Diniz, 2005). Segundo Vandenheuvel e Wooden (1995, cit. por Perlin e Diniz, 2005), isso ocorre devido à pressão social, que não permite que as mulheres e os homens rompam completamente com os papéis tradicionais de género. Ainda várias mulheres sofrem de discriminação quando optam pelo estilo relacional e familiar de duplo trabalho (Diniz, 1993, 1996, 1999; Oliveira, 1995; Ammann, 1997 cit. por Perlin e Diniz, 2005). Resultados de estudos destes autores confirmam essa tendência. A mulher além de enfrentar múltiplas e penosas discriminações de género, ainda enfrenta múltiplas jornadas de trabalho. Ammann (1997, Perlin e Diniz, 2005) denuncia a seriedade dessa situação ao dizer que, não libertada das funções anteriores, a mulher transforma-se “numa dupla mercadoria: na esfera doméstica, pertencendo ao marido; no âmbito do emprego, pertencendo ao capitalista”. Um dos dilemas gerados por esta diferença é o da alta insatisfação feminina em relação à divisão do trabalho doméstico (Ray, 1988; Dios, 1996 Perlin e Diniz, 2005).

Narciso (2002) obteve resultados semelhantes, em relação à dimensão Controlo Relacional, mais especificamente Equitatividade em distribuição de tarefas (domésticas, financeiras e parentais) mas somente para o grupo de risco - em que existia, em relação às situações financeiras, maior participação dos homens e em relação às tarefas domésticas e parentais maior participação nas mulheres - o que reforça, no entanto a hipótese da manutenção dos papéis de género tradicionais na nossa sociedade.

5.2. Diferenças em função da Idade

Os resultados verificados no presente estudo - diferença significativa entre o grupo etário dos 20-29 e os restantes grupos (30 -39 e 40 -59anos) em relação à Satisfação Conjugal, à Vinculação Segura e à Proximidade, sendo que os primeiros se encontram significativamente mais Satisfeitos, Afectivamente Seguros e Próximos - estão de acordo com a literatura (Orbuch, House, Mero & Webster, 1996, cit. por Narciso, 2001; Alarcão 2000). O estudo de Crespo (2007) também revelou diferenças significativas entre os grupos etários, sendo o grupo dos 23 aos 30 anos que reportou valores mais elevados de qualidade relacional, proximidade e afectividade segura.

Estes resultados são compreensíveis e consistentes com a literatura se relacionarmos a idade dos participantes com os estádios do ciclo vital da família.

Segundo os dados do Instituto Nacional de Estatística, em 2007, a idade média da mulher ao nascimento do 1º filho era de 28.2 anos e, tendo em conta que esta média tinha vindo a aumentar nos últimos 7 anos (2001-2007), podemos hipotetizar que se a taxa de aumento de idade se continuar a verificar, o grupo etário do nosso estudo, dos 20-29 provavelmente ainda não terá filhos, ou poucos os terão, podendo assim incluir-se este grupo na primeira etapa do ciclo vital da família - Formação do casal.

Esta etapa - Formação do casal – é caracterizada por uma forte idealização e fusão dos membros do casal (Alarcão, 2000) na qual a partilha de informação e revelação entre estes é muito elevada (Aron, Aron & Smollan, 1992), contribuindo fortemente para a formação do “nós” e implicando um grande investimento na relação (Relvas, 1996), o que se traduz, inevitavelmente, em Satisfação Conjugal, Afetividade/Vinculação Segura e Proximidade. Assim, torna-se compreensível o resultado verificado no presente estudo. Também o modelo de DeFrank-Lynch (1986, in Relvas, 1996), que considera a primeira etapa da vida de casal (primeiros 10 anos de casamento) a etapa em que o casal está orientado para a relação, pode corroborar os resultados para o grupo etário dos 20-29.

Concomitantemente, pressupõe-se, no nosso estudo, que o grupo dos 30-39 anos corresponde à segunda e a terceira etapa do ciclo vital da família – Família com filhos pequenos e Família com filhos na escola. Vários estudos têm apontado a transição para a parentalidade como um período crítico para a satisfação conjugal, Gottman et al. (2002, cit. por Crespo, 2007) referem que 67% dos casais (e na sua maioria, mulheres) experienciam, nesta etapa, uma queda significativa na satisfação conjugal. Podemos enquadrar, desta forma, os resultados encontrados no nosso estudo - grupo etário com o nível de satisfação, vinculação segura e proximidade mais baixo – com as investigações acima descritas.

A análise da fecundidade segundo a ordem dos nascimentos evidencia, ainda, que estes estão a ganhar importância nas idades mais avançadas, tendo a taxa de fecundidade de segunda ordem, em 2007, aumentado na faixa etária dos 35-39 anos. Assim sendo, pode-se prever que o grupo etário dos 40-59 ainda se encontre muito provavelmente na quarta etapa – Família com filhos adolescentes - e não na quinta etapa - Ninho vazio – como se poderia considerar. Tal facto pode traduzir os elevados

resultados neste grupo etário no que toca à Vinculação/Afectividade conflituosa, por se encontrarem numa fase de grande turbulência - família com filhos adolescentes (Clements e Markman, 1998; Kurdek, 1998, cit. por Crespo, 2007). Também os conflitos em relação ao dinheiro, ou problemas financeiros, são mais frequentes nestas últimas duas etapas, em que se têm de fazer escolhas importantes relativamente ao financiamento dos estudos dos filhos, planeamento da reforma e também assumir o encargo dos próprios pais (Gottman & Silver, 2001), levando a diminuições na satisfação conjugal.

Estes resultados podem, ainda, ser interpretados de acordo com duas correntes de pensamento: uma que defende que, após a fase inicial de casamento, existe um declínio na Satisfação Conjugal que se mantém ao longo dos anos; outra que defende que a satisfação conjugal se desenvolve de acordo com um padrão curvilíneo (Dickson, 1997; Feeney, Noller & Ward, 1997; Levenson, Cartensen & Gottman, 1994 cit. por Narciso 2001)¹⁶. De acordo com os resultados obtidos neste estudo, poderia supor-se que a Satisfação Conjugal estaria sempre a decrescer. No entanto, verifica-se uma ligeira subida na satisfação, afectividade/vinculação segura e proximidade no grupo etário dos 40 aos 59, relativamente ao grupo anterior (30-39) que, apesar de não ser significativa, pode dar indícios de uma forma curvilínea.

O facto de não se ter abrangido participantes mais velhos, provavelmente mais perto da etapa ninho vazio não permite confirmar esse padrão. Com mais participantes idosos, talvez esse resultado tivesse sido mais expressivo.

5.3. Diferenças em função do Nível Sócio-Económico

O Nível Sócio-Económico tem sido uma variável menos explorada nos estudos sobre a conjugalidade, muitas vezes porque os instrumentos que avaliam as dimensões da conjugalidade são mais acessíveis a indivíduos com níveis de escolaridade superiores, que se traduz, na maioria das vezes, em níveis sócio-económicos mais elevados.

O facto das pessoas de níveis sócio-económicos mais baixos, poderem apresentar níveis de elaboração cognitiva mais baixos deixa, eventualmente, margem para algum enviesamento dos resultados, uma vez que é possível que não tenham

¹⁶ Ver revisão de literatura, padrões curvilíneos.

compreendido com clareza o conteúdo dos itens ou que tenham tido dificuldade em se posicionar numa escala de Likert. Neste estudo, é, ainda, importante realçar o facto do desigual tamanho da amostra em cada grupo sócio-económico, com uma representação marcadamente mais elevada nos níveis Médio e Médio-alto/Alto. Assim, a leitura de tais resultados deverá ser sempre muito cautelosa, relativizando-se, por isso, possíveis conclusões.

As diferenças significativas verificadas em relação à *Satisfação Conjugal Global* em função dos níveis sócio-económicos, revelam que são os participantes do grupo Médio-alto/Alto quem apresenta níveis mais elevados de satisfação, e os do grupo baixo quem apresenta níveis mais baixos de satisfação. Este facto pode ser consistente com os resultados das investigações de Karney & Bradbury (2005), que postulam que, apesar do valores e as atitudes relativas ao casamento e à estrutura da família tradicional serem tão positivas como as das populações de nível alto, estes valores, não são, no entanto, suficientes para manter um casamento estável e satisfeito.

Também Conger, Rueter & Elder, Jr. (1999), confirmam que acontecimentos e condições de vida *stressantes*, como a incapacidade para suportar as necessidades económicas básicas, podem prejudicar o bem-estar de ambos os membros do casal e mesmo a qualidade conjugal.

Relativamente à dimensão *Autonomia* e aos *Tempos Livres*, na qual os participantes com Nível Sócio-Económico Médio diferem significativamente dos participantes de Nível Médio-alto/Alto, encontrando-se os primeiros menos satisfeitos que os últimos. Note-se que os participantes de nível sócio-económico baixo não diferem significativamente do nível sócio-económico Médio-alto/Alto, mas apresentam resultados muito próximos aos do nível sócio-económico médio.

Estes resultados, apesar de menos documentados na literatura, podem advir de várias explicações, o que permite a colocação de várias hipóteses.

O facto de Portugal ser o único país da OCDE em que a percentagem de mães a trabalhar a tempo inteiro (92%) é superior à das mulheres sem filhos, especialmente aquelas que detêm baixa qualificação (*Employment Outlook*, 2002, OCDE) pode ser um indicador de um elevado número de casais de dupla carreira/trabalho no nosso estudo. Podemos comprovar este dado com a verificação, no nosso estudo, do elevado número de participantes - mulheres e homens - que trabalham.

A literatura tem, muitas vezes, referido que as características do casamento de dupla carreira são potencialmente desencadeadoras de dificuldades, o que poderia implicar a existência de maior número de casamentos insatisfeitos nesse grupo. Este estilo de vida implica, geralmente: uma redução do tempo para a intimidade do casal e para a expressão de afecto, uma redução do tempo que cada cônjuge dispõe para a família e para si próprio e uma pressão social para investimento na profissão/carreira (Perlin e Diniz, 2005). Tais factos podem estar na base dos valores mais baixos de satisfação em relação à *Autonomia* e *Tempos livres*. No entanto, não podemos considerar apenas esta justificação, uma vez que os participantes do Nível Sócio-económico médio-alto/alto demonstraram maior satisfação nestas áreas e serão provavelmente também casais de dupla carreira. Pode-se hipotetizar, no entanto, que estes casais terão mais disponibilidade financeira para contratar outras pessoas para realizarem certas tarefas domésticas ou parentais, criando uma maior disponibilidade para os *Tempos Livres*. Essa mesma capacidade financeira oferece um maior leque de opções para a utilização desses mesmos Tempos Livres que poderão proporcionar assim momentos mais prazerosos.

Relativamente à *Autonomia* podemos constatar que, se por um lado, homens e mulheres são estimulados a adoptarem modelos tradicionais de sexualidade e uma divisão rígida de papéis e funções na família de acordo com o sexo, por outro lado, são forçados a adequarem-se às transformações sociais, tais como as exigências do mercado de trabalho, a valorização do crescimento individual, da independência financeira e da flexibilidade no exercício dos papéis de género (Walsh, 2002; Jablonski, 2001; Perlin, 2001 cit. por Perlin e Diniz, 2005). Tal facto pode levar os casais de nível Sócio-Económico médio a sentirem-se menos satisfeitos com a sua autonomia, pois dependem mais um do outro para a manutenção financeira da família, sendo que a valorização do crescimento pessoal é posta em segundo plano. Mais uma vez, podemos lembrar Gottman e col. (2002) que defendem que o dinheiro pode comprar prazer e também segurança. Nas *Funções Familiares* são os participantes do Nível sócio-económico Médio-alto/Alto que se encontram mais satisfeitos relativamente aos participantes dos outros dois níveis, resultado que pode ser explicado na continuação das hipóteses encontradas para a satisfação com os *Tempos Livres* e acima referidas relativamente ao sexo.

No que concerne aos *Conflitos* os participantes de nível sócio-económico baixo encontram-se significativamente menos satisfeitos do que os de nível médio-alto/Alto, resultado frequentemente confirmado em vários estudos.

Para além de todo o ambiente stressante de população com baixo nível sócio-económico, exposto na revisão de literatura, também se verifica que o desacordo relativamente às finanças é uma das principais razões que contribui para a insatisfação conjugal (Lawrence, Thomasson, Wozniak, & Prawitz, 1993 cit. por Dakin and Wampler, 2008), situação que será mais frequente nos níveis sócio-económicos mais baixos. “Os casais insatisfeitos com a sua situação financeira consideram frequentemente toda a sua relação um fracasso...” (Blumstein & Schwarz, 1983, p. 55 cit. por Dakin and Wampler, 2008).

Relativamente à dimensão Vinculação/Afectividade Segura são os participantes com o Nível sócio-económico Médio que se revelam menos seguros. Resultado pouco comum nas investigações e na literatura, encontrando-se este resultado mais associado aos indivíduos de nível sócio-económico baixo.

Apesar dos laços afectivos se manterem relativamente estáveis ao longo da vida, foi comprovado que em situações não normativas, o tipo de afectividade/vinculação ao cônjuge se poderia alterar (Marris, 1991; Soares, 2007). Pensando, não apenas no micro-sistema casal, e estendendo a percepção aos acontecimentos últimos do macro-sistema, podemos rever que várias situações económicas e sociais, se alteraram nos últimos anos. A presente crise mundial e o desemprego que esta causou, podem ter-se repercutido nos níveis de afectividade segura relativamente aos cônjuges, inclusive como Porto Seguro. Tal facto poderá sentir-se menos em casais de nível sócio-económico mais baixo, pois estes já teriam construído a sua conjugalidade num quadro de dificuldades económicas, que modelou as suas aspirações e expectativas. Neste sentido, poderemos hipotetizar uma percepção de perda de *Status* por parte dos grupos da classe média que têm de fazer um esforço maior de adaptação face às expectativas anteriores de progressão social (Maris, 1991; Conger, Rueter & Elder, 1999; Karney & Bradbury, 2005). Contudo, seriam necessários estudos de maior complexidade para se poder verificar esta hipótese.

Na dimensão *Vinculação/Afectividade*, foram os participantes com o Nível sócio-económico Baixo que revelaram valores mais elevados de Vinculação/Afectividade Evitante e também maiores de Vinculação/Afectividade *Preocupada*.

Através do conceito de modelos internos dinâmicos, podemos pensar que estes participantes adultos interiorizaram, enquanto crianças, modelos de vinculação preocupados e/ou evitantes. Este facto que poderá ter ocorrido, talvez por figuras de vinculação mais ambivalentes ou, até, ausentes na sua infância, que se encontrariam, provavelmente, pouco disponíveis. Esta realidade é verificada em vários estudos (Spieker e Cabine, 1988 cit. por Vondra, Hommerdin e Shaw, 1999; Easterbrooks, Graham, 1999) que relacionaram - a partir dos resultados em sete programas da pesquisa que implicam o estudo da afectividade em populações de alto risco - os cuidados fornecidos por pais adolescentes, o baixo nível de educação, a baixa percepção de suporte social, a sintomatologia defensiva e/ou depressiva maternal, com a vinculação insegura.

Este modelo interiorizado de vinculação poderá ter permanecido até adultícia, revelando-se no estilo de vinculação ao Cônjuge. Segundo o modelo de Vinculação adulta de Bartholomew e Horowitz (1991), os *Indivíduos preocupados* pensam em si como não merecedores de amor, mas avaliam o seu parceiro de forma positiva, preocupando-se bastante nas relações. Também os com uma *vinculação amedrontada/evitante* sentem-se não merecedores de amor e esperam que os seu parceiros os rejeitem, temendo a intimidade e evitando a socialização (Bartholomew, 1990).

No entanto, os resultados verificados neste nível Sócio-económico relativamente à vinculação/afectividade evitante parecem contrariar os dados verificados para a proximidade, analisada através da IOS, uma vez que, como acima referido, indivíduos evitantes tendem a mostrar níveis de intimidade bastante mais baixos que os restantes, o que não acontece no nosso estudo. Todavia, poderemos relacionar estes dados para a proximidade com os dados relativos à Satisfação com a autonomia. A menor satisfação com a autonomia, relatada por estes participantes, pode significar necessidade de mais espaço pessoal, de menor dependência e, conseqüentemente, maior evitamento (Mikulincer & Shaver, 2003, 2007), e, nesse caso, os valores mais elevados de Proximidade poderão traduzir alguma insatisfação.

No sentido oposto, encontram-se os participantes do nível sócio-económico alto a reportarem os menores níveis de proximidade. Este resultado está documentado na literatura como consequência da sociedade actual, em que o investimento no crescimento individual e na carreira se encontra inflacionado, o que provoca, inevitavelmente, um evitamento afectivo e afastamento emocional entre os cônjuges, porventura, relacionado com as elevadas taxas de ruptura actuais. Todavia, no nosso estudo, uma vez que os participantes relatam elevados níveis de satisfação conjugal e satisfação com a autonomia, levará a crer que estes participantes estão satisfeitos com o nível de intimidade que têm.

É de suma importância referir que, em contextos diferentes (neste caso, sócio-económico), há mapas diferentes para avaliar a realidade (conjugalidade), o que pode fazer com que aquilo que é tomado como indicador negativo da conjugalidade num determinado contexto (nível sócio-económico médio-alto/Alto) não o seja noutra (nível sócio-económico baixo).

5.4. Associações existentes entre Satisfação Conjugal, Proximidade e Afectividade/Vinculação

O presente estudo corrobora os resultados obtidos por vários autores (entre outros, Crespo, 2007; Feeney, 1999; Hazan & Shaver, 1987; Kobak & Hazan, 1991; Narciso, 2002) que apresentam evidências empíricas sobre a existência de correlações significativas e positivas entre Vinculação Segura ao cônjuge, Proximidade e Satisfação conjugal. Este resultado era esperado, uma vez que os conceitos base destas variáveis se referem a dimensões da vivência do casal, que são próximas e interactivas. Segundo a abordagem sistémica, a vinculação deve ser estudada como um constructo relacional, com a expectativa de que os estilos de vinculação de ambos parceiros irão interagir para influenciar os padrões de interacção no casal e também a satisfação (Feeney, 1999).

A Proximidade verificou-se, como referenciado na literatura (Sternberg, 1986 cit. por Domingos, 2006; Narciso, 2001, 2002; Narciso e Ribeiro, 2009), um bom indicador da intimidade, sendo que se verificaram relações significativamente positivas entre ambas.

Congruente com o formulado por diversos autores (Feeney, 1999, Hazan & Shaver, 1987, Maclean, 2002), também, todas as dimensões da Satisfação Conjugal

estão correlacionadas positivamente com a Vinculação/Afectividade Segura, e inversamente com os outros três estilos inseguros de Vinculação/Afectividade, encontrando-se novamente a intimidade com a correlação mais forte, seguido pelo grupo dos conflitos, funções familiares e autonomia. Segundo estes autores, indivíduos seguros, comparativamente com indivíduos com padrões de vinculação evitante e/ou ansiosa/ambivalente, relatam ter níveis mais elevados de satisfação relacional, intimidade, paixão, compromisso, confiança, interdependência, comunicação e experienciam mais emoções positivas e menos negativas.

A Vinculação/Afectividade evitante, também, como seria de esperar, encontra-se correlacionada de forma negativa, com a Satisfação Conjugal Global e com a dimensão intimidade, pois é nestes indivíduos, que a troca emocional é significativamente inferior, revelando uma tendência para evitarem proximidade e não desenvolverem um porto seguro com os seus parceiros, conduzindo, por isso, a níveis mais altos de insatisfação conjugal (Bartholomew, 1991).

A Vinculação/Afectividade conflituosa encontra-se como a correlação negativa mais forte com a Satisfação conjugal global, a intimidade, as funções familiares e os Conflitos. Este estilo não correspondendo a nenhum estilo definido, podendo ser um indicador de vinculação insegura, quer evitante quer preocupado (ou ansioso/ambivalente).

A Vinculação/Afectividade Preocupada é a que apresenta uma correlação mais fraca (ainda que significativa) com a Satisfação Conjugal, as suas dimensões e a Proximidade, podendo este facto ser compreendido, pelo modelo do Self que estes indivíduos apresentam, em que os seus problemas serão mais internos e pessoais do que relacionais, visto relatarem um visão negativa de si, mas positiva dos outros.

As dimensões Rede Social e Tempos Livres, são as que apresentam correlações mais fracas com os estilos de Vinculação/Afectividade e Proximidade, o que pode ser explicado por dependerem mais de circunstâncias e do contexto do que da dinâmica relacional do casal.

Conclusão

O presente trabalho teve como objectivo principal analisar as relações entre as dimensões da conjugalidade – Satisfação Conjugal, Vinculação/Afectividade ao Cônjuge e Proximidade - e explorar diferenças nestas variáveis em função das variáveis demográficas sexo, idade e nível sócio-económico. Neste capítulo, apresentar-se-ão as conclusões, sintetizando-se os principais resultados obtidos. Serão, ainda, salientadas algumas limitações da investigação e apontadas sugestões para estudos futuros.

Retira-se como principal conclusão que, na sua maioria, os participantes, de ambos sexos, se encontram satisfeitos na sua relação conjugal, revelando-se afectivamente seguros e com um sentimento de elevada proximidade ao Cônjuge. Verifica-se também, como era esperado, que as três variáveis estão significativamente correlacionas (Hazan & Shaver, 1987; Feeney, 1999; Maclean, 2002; Narciso, 2002).

Relativamente ao sexo, apenas na satisfação com as funções familiares se verificaram diferenças significativas, sendo que as mulheres se encontram menos satisfeitas nesta área do que os homens, o que é, aliás, corroborado por outros estudos sobre conjugalidade (Perlin e Diniz, 2005). Porém, seria interessante perceber se os valores desta diferença têm sido constantes ou se têm vindo a atenuar, com as mudanças ao nível dos papéis de género, ao longo do tempo.

Na variável idade, foram verificadas diferenças significativas nas três variáveis dependentes, sendo o grupo etário dos 20 aos 29 que reportou níveis mais elevados de satisfação conjugal, vinculação/afectividade segura e proximidade, como é também corroborado por vários autores (DeFrank-Lynch, 1986 cit. por Relvas, 1996; Feeney, 1999; Alarcão 2000).

No que se refere ao nível sócio-económico, salientam-se os seguintes resultados: o grupo Médio-alto/Alto revela maior Satisfação; o grupo Médio é que apresenta os resultados mais baixos em Vinculação/Afectividade Segura; o grupo Baixo é quem revela os resultados mais elevados em Vinculação/Afectividade Evitante e Vinculação/Afectividade Preocupada; os participantes do nível sócio-económico médio-alto/Alto são quem apresenta resultados mais baixos em Proximidade.

Limitações e pistas de investigação

Consideramos como principais limitações, as quais poderiam ser repensadas num desenho de investigação quantitativo e qualitativo de maior complexidade:

- a simplicidade das operações estatísticas realizadas, não permitindo perceber relações de causalidade entre as variáveis;
- o facto de a amostra, quando organizada por sub-grupos, não ser homogénea quanto à sua dimensão;
- o facto de não se ter cruzado a variável idade com a variável tempo de conjugalidade e com a variável filhos, de modo a perceber-se melhor as possíveis influências de cada uma destas variáveis, todas elas incluídas na dimensão Tempo;
- o facto de se tratar de um estudo apenas quantitativo, uma vez que os instrumentos permitem-nos chegar a dados numéricos, mas não às significações inerentes a esses mesmos dados. Por exemplo, uma maior satisfação com a Autonomia pode significar que se está satisfeito porque se tem muito “espaço pessoal”, mas também pode significar que se está satisfeito, porque existe muito “espaço partilhado”.

Para além das limitações, este estudo permitiu reflectir sobre algumas implicações preventivas, em termos clínicos. Como refere Gameiro, “A família é uma rede complexa de relações e emoções que não são passíveis de ser pensadas com os instrumentos criados para o estudo dos indivíduos isolados (...) A simples descrição de uma família não serve para transmitir a riqueza e complexidade relacional dessa estrutura” (Gameiro, 1992, pág. 187).

Deste estudo, fica a importância da aprendizagem técnica e científica, para novas formas de intervenção, também preventiva, focalizada em processos positivos de construção de novas realidades e histórias de vida de casal.

Referências bibliográficas

- Ainsworth, M. S., Blehar, M., Waters, E., Wall, S. (1978). *Patterns of Attachment: A Psychological Study of the Strange Situation*. Lawrence Erlbaum Associates. New Jersey.
- Alarcão, M. (2000). *(Des) Equilíbrios familiares: Uma visão sistémica*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Aron, A., Aron, E. & Smollan, D. (1992). Inclusion of Other in the self Scale and the structure of interpersonal closeness. *Journal of Personality and Social Psychology*, vol.63, pp. 596-612.
- Aron, A. P., Mashek, D. J., & Aron, E. N. (2004). Closeness as including other in self. In Mashek, D. J. & Aron, A. (Eds), *Handbook of Closeness and Intimacy*. pp. 27-41. New Jersey & London: Lawrence Erlbaum.
- Bartholomew, K. (1990). Avoidance of intimacy: An attachment perspective. *Journal of Social and Personal Relationships*, Vol. 7, pp. 147-178.
- Bartholomew, K., & Horowitz, L.M. (1991). Attachment Styles Among Young Adults: A Test of a Four-Category Model. *Journal of Personality and Social Psychology*. Vol. 61, N°2, pp. 226-244.
- Berger, A. & Janoff-Bulman, R. (2006). Costs and satisfaction in close relationships: The role of loss-gain framing. *Personal Relationships*, Vol. 13, pp. 53-68. United States of America.
- Bowlby, J. (1973) *Attachment and Loss: Vol. II. Separation, Anxiety and Anger*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1979) 'The Making and Breaking of Affectional Bonds, in J. Bowlby *The Making and Breaking of Affectional Bonds* (pp. 120-160), London: Tavistock Publications.
- Bowlby, J. (1980) *Attachment and Loss: Vol. III. Loss, Sadness and Depression*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1982, 1ª ed. 1969). *Attachment and loss: Vol. I. Attachment* (2ª ed.). New York: Basic Books.

Butzer, L., Campbell, L. (2008). Adult attachment, sexual satisfaction, and relationship satisfaction: A study of married couples. *Personal Relationships*, Vol. 15, pp. 141–154. United States of America.

Caillé, P. (1991). *Un et un font trois: Le couple révélé à lui-même*. Paris: EFS Éditeur.

Carrilho, M. J. e Patrício, L. (2007). “A Situação Demográfica Recente em Portugal”, *Revista Estudos Demográficos* n.º 40, pp. 35-89. Instituto Nacional de Estatística.

Collins, N., L. & Feeney, B., C. (2004). An Attachment Theory Perspective on Closeness and Intimacy. In Maskhek, D. J. & Aron, A. (Eds), *Handbook of Closeness and Intimacy* (pp. 163-187). New Jersey & London: Lawrence Erlbaum.

Conger, R.D., Rueter, M.A., Elder, G.H. (1999). Couple resilience to economic pressure. *Journal of Personality and Social Psychology*. Vol.76, Nº1, pp.54-71. American Psychological Association.

Crespo, C. (2007). *Rituais Familiares e o Casal: Paisagens Inter-Sistémicas*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

Dakin, J., & Wampler, R. (2008). Money Doesn't Buy Happiness, but It Helps: Marital Satisfaction, Psychological Distress, and Demographic Differences Between Low- and Middle-Income Clinic Couples. *The American Journal of Family Therapy*, Vol. 36, pp.300 –311. Taylor & Francis Group, LLC.

Davila, J., Karney, B. R., & Bradbury, T. N. (1999). Attachment change processes in the early years of marriage. *Journal of Personality and Social Psychology*, 76, 783–802.

Davila, J. (2003). Attachment Processes in Couple Therapy: Informing Behavioral Models. In Johnson, S.M., & Whiffen, V.E. (Eds.), *Attachment Processes in Couple and Family Therapy* (pp. 124-143). New York: Guilford Press.

Domingos, L. (2006). *O desenvolvimento das relações de casal: estudo da influência dos estilos de vinculação e da intimidade na satisfação conjugal*. Tese de mestrado apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

Easterbrooks, M., A., & Graham, C., A. (1999). Security of attachment and parenting: Homeless and Low-Income Housed Mothers and Infants. *American Journal of Orthopsychiatry*. Vol. 69(3). Pp. 337- 346.

Erbert, L. & Duck, S. (1997). Rethinking satisfaction in personal relationships. In R. Sternberg & M. Hojjat (Eds.), *Satisfaction in Close Relationships*. Pp. 190-218. New York: The Guilford Press.

Faulkner, R., Davey, M. & Davey, A. (2005). Gender-Related Predictors of Change in Marital Satisfaction and Marital Conflict. *The American Journal of Family Therapy*, Vol. 33, pp.61–83. Taylor & Francis, Inc.

Feeney, J., Noller, P., & Ward, C. (1997). Marital Satisfaction and spousal interaction. In R. Sternberg & M. Hojjat (Eds.), *Satisfaction in Close Relationships*. Pp 160-189. New York: The Guilford Press.

Feeney, J. (1999). Adult Romantic Attachment and Couple Relationship. In Cassidy & Shaver, P.R.S. (Eds.), *Handbook of attachment: theory, research, and clinical applications* (pp.355-377). New York: The Guilford Press.

Gameiro, J. (1992). *Voando sobre a psiquiatria. Análise epistemológica da psiquiatria contemporânea*. Porto: Edições Afrontamento.

Gottman, J.M. & Silver, N. (2001). *Os sete princípios do casamento*. Editora Pergaminho, 1ª ed. Cascais.

Greeff, A. P. & H. L. Malherbe. (2001). Intimacy and Marital Satisfaction in Spouses. *Journal of Sex & Marital Therapy*. Vol. 27, pp. 247–257.

Hazan, C., & Shaver, P., R. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52, 511–524.

Hazan C., & Zeifman, D. (1997). A Process Model of Adult Attachment Formation. In Duck, S. (Eds.), *Handbook of Personal Relationships: Theory, Research and Interventions*. 2ª ed. U.S.A.

Hendrick, S., Hendrick, C. (2006). Measuring respect in close relationships. *Journal of Social and Personal Relationships*, Vol 23(6), pp. 881-899.

Hinde, R. (1982) Attachment: some conceptual and biological issues. In C. M. Parkers & J. Stevenson-Hinde (Eds.), *The place of attachment in human behavior*. London: Tavistock Publ.

Hojjat, M. (1997). Philosophy of life as a Model of Relationship Satisfaction. In R. Sternberg & M. Hojjat (Eds.), *Satisfaction in Close Relationships*. Pp 102-128. New York: The Guilford Press.

Karney, B.R., & Bradbury, T.N. (1995). The Longitudinal course of marital quality and stability: A review of theory, method, and research. *Psychological Bulletin*, vol. 118, Nº1, 3-34.

Karney, B.R., Bradbury, T.N. (2005). Contextual Influence on Marriage: Implications for Policy and Intervention. *American Psychological Society*. Vol. 14 (4), pp.171-174.

Maclean, A.P. (2002). Attachment in marriage: Predicting marital satisfaction from partner matching using a three-group typology of adult attachment style. *Dissertation Abstracts International: Section B: The Sciences and Engineering*, Vol 63(2-B). pp. 1067.

Maroco, J. (2007). 3ª Eds. Análise Estatística com utilização do SPSS. Edições Sílabo, Lda. Lisboa.

Marris, P. (1991). The Social Construction of Uncertainty. In: C.M. Parkes, J. Stevenson-Hinde & P. Marris (Eds.), *Attachment across the life cycle* (pp.77-90). London: Routledge.

McCabe, M. (2006). Satisfaction in Marriage and Committed Heterosexual Relationships: Past, Present, and Future. *Annual Review of Sex Research*. Vol. 17, p39-58;

Mirgain, S. & Cordova, J. (2007) Emotion skills and marital health: The Association Between Observer and Self-Reported Emotion Skills, Intimacy and Marital Satisfaction. *Journal of Social and Clinical Psychology*, Vol. 26, No. 9, pp. 983–1009.

Mookherjee, H. (1997). Marital Status, Gender, and Perception of Well-Being. *The Journal of Social Psychology*. Vol. 137(1), pp. 95-105.

Moreira, J. M. (2002). *A Influência Dual da Qualidade das Relações sobre os Aspectos Positivos e Negativos da Forma de Lidar com o Stress*. Tese de Doutoramento em Psicologia. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

Narciso, I. (1994). Metamorfoses do Amor e da Satisfação Conjugal. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 10/11, pp.129-139.

Narciso, I. (2001). *Conjugalidades satisfeitas mas não perfeitas: À procura do padrão que liga*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

Narciso, I., Costa, M.,E., e Prata, F.P. (2002) *Intimidade e compromisso pessoal ou “aquilo que pode fazer com que um casamento funcione”*. Revista Portuguesa de Psicologia. Nº36. Pp. 67-87.

Narciso, I. e Ribeiro, M.T. (2009). *Olhares sobre a conjugalidade*. Coisas de Ler. Lisboa.

Newton, M., Boblin, S., Brown, B., Ciliska, D. (2006). Understanding Intimacy for Women with Anorexia Nervosa: A Phenomenological Approach. *European Eating Disorders Review*. Vol. 14, pp. 43–53.

Norgren, M., Souza, R., Kaslw, F., Hammerschmidt, H. & Sharlin, S. (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. *Estudos de Psicologia*. Vol. 9(3), pp. 575-584.

Perlim, G. e Diniz, G. (2005). Casais que trabalham e são felizes: Mito ou Realidade? *Psicologia Clinica*, Rio de Janeiro, Vol.17, N.2, P.15 – 29.

Relvas, A. (1996). *O Ciclo Vital da Família*. Perspectiva Sistémica. Porto: Edições Afrontamento.

Ribeiro, T. (2002). *Da diversidade do masculino e do feminino à singularidade do casal*. Tese de Doutoramento em Psicologia. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa. Texto policopiado.

Schmitt, D., et al. (2003). Are men universally more dismissing than women? Gender differences in romantic attachment across 62 cultural regions. *Personal Relationships*. Vol. 10, pp. 307–331. United States of America.

Soares, I. (2007). *Relações de Vinculação ao Longo do Desenvolvimento: Teoria e Avaliação*. Psiquilibrios edições.

Vondra, J., I.; Hommerding, K., D., Shaw, D. S. (1999). *Monographs of the Society for Research in Child Development*, Vol 64(3), pp. 119-144.

Whisman, M. A. (1997). Satisfaction in Close Relationships: Challenges for the 21st Century. In R. J. Sternberg & M. Hojjat (Eds.), *Satisfaction in Close Relationships*. Pp 385-410. New York: The Guilford Press.

Weiss, R. (1991). The attachment bond in childhood and adulthood. In: C.M. Parkes, J. Stevenson-Hinde & P. Marris (Eds.), *Attachment across the life cycle*, (pp.66-76). London: Routledge.

Anexos

Anexo I

Caracterização sócio-demográfica dos participantes

Ecos da Idade, Sexo e Nível Sócio-Económico
em Dimensões da Conjugalidade – Satisfação, Vinculação/Afectividade e Proximidade

<i>Características</i>		<i>N</i>	<i>%</i>	<i>Média</i>	<i>DV</i>	
Género	Masculino	301	47.6			
	Feminino	332	52.4			
Idade	Masculino	20-29	46	15.29%		
		30-39	109	36.21%	39	9
		40-59	146	48.5%		
	Feminino	20-29	73	21.99		
		30-39	120	36.14	37.0	9
		40-59	139	41.87		
Nível Sócio-Económico	Baixo	62	9.8			
	Médio	251	39.7			
	Médio-Alto/ Alto	320	50.6			
Zona de Residência	Norte	38	6			
	Centro	134	21.2			
	Grande Lisboa	369	58.3			
	Alentejo	16	2.5			
	Algarve	29	4.6			
	Arquipélago da Madeira	16	2.5			
	Arquipélago dos Açores	25	4.1			
	Outra	5	0.8			
Origem Étnica	Caucasiana	613	97.5%			
	Africana	6	1%			
	Caucasiana-Africana	6	1.0%			
	Outra	4	0.6%			
Religião	Católica	418	86.0%			
	Católica/Cristã	25	5.1%			
	Outra	42	8.6%			
Situação Relacional	Casamento	543	85.9			
	União de Facto	89	14.1			
Tempo de	0 aos 4 anos	115	21.2	13.57	8.9	

Casamento	5 aos 9 anos	89	16.4		
	10 aos 14 anos	80	14.7		
	15 aos 19 anos	128	23.6		
	≥20 anos	131	24.1		
	Não respondeu	90			

Tempo União Facto	0 aos 4 anos	58			
	5 aos 9 anos	24			
	10 aos 14 anos	4	4.86	3.87	
	15 aos 19 anos	1			
	≥20 anos	1			
	Não respondeu	544			

Filhos	Sem Filhos	184	29.1		
	Com Filhos	449	70.9		

Anexo II

Protocolo de Apresentação da Investigação



Investigação sobre Família, Conjugalidade e Parentalidade

Os questionários que se seguem inserem-se numa investigação de mestrado sobre relações familiares, a decorrer na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, sob a orientação das Professoras Doutoras Isabel Narciso Davide e Maria Teresa Ribeiro.

No âmbito desta investigação, é necessário recolher dados através de questionários. A análise destes dados vai permitir uma maior compreensão sobre as relações familiares. Isso irá também permitir que se possa, no futuro, conhecer e ajudar de uma forma mais eficaz os casais e os pais, quer a nível preventivo, quer a nível terapêutico. Por tudo isto, a sua colaboração é extremamente importante.

Os questionários são anónimos e todos os dados aqui recolhidos são totalmente confidenciais. Os resultados não serão analisados individualmente, mas em termos gerais, conjuntamente com as respostas dos outros participantes.

Os questionários que irá encontrar apresentam, no início, instruções de preenchimento. É muito importante que responda a todas as questões para que os dados possam ser correctamente analisados. Nestes questionários não há respostas certas ou erradas; o mais importante é mesmo a sua opinião. O preenchimento do conjunto dos questionários leva entre 20 a 30 minutos. Recorde-se que estes questionários devem ser preenchidos individualmente.

Desde já, agradecemos a sua disponibilidade em participar neste estudo. Sem o seu contributo seria impossível realizar esta investigação.

Por favor, vire a página e comece a responder. Leia com atenção as questões e responda a todas elas.

Muito obrigada!

Professora Doutora Maria Teresa Ribeiro
Professora Doutora Isabel Narciso Davide

Anexo III

Questionário Geral Sócio-Demográfico

Questionário Geral

Data _____

É muito importante que leia atentamente e **responda a todas as questões**. Deixar questões em branco inutiliza todo o questionário e impossibilita que as suas respostas sejam incluídas na investigação.

Quando não tiver a certeza acerca de um valor ou resposta, por favor, responda com dados aproximados.

Parte I- Dados Sócio-Demográficos

1. Sexo

- Masculino
 Feminino

2. Escolaridade

- 0 a 4 anos de escolaridade
 7-9 anos de escolaridade
 Frequência universitária
 5- 6 anos de escolaridade
 10-12 anos de escolaridade
 Ensino superior

3. Origem étnica/racial

4. Idade

5. Profissão ou Ano Escolar se for Estudante

6. Zona de Residência Habitual

- Norte
 Algarve
 Centro
 Alentejo
 Grande Lisboa
 Arquip. Madeira
 Arquip. Açores
 Outra _____

7. Estado Civil

- Casado(a) Desde _____
 Solteiro/a
 Divorciado(a) Desde _____
 Viúvo(a)

8. Habita com

9. Situação Relacional

- Casamento Quantos casamentos teve anteriormente? _____
 União de Facto (igual ou superior a 2anos) Desde _____
Quantas uniões de facto teve anteriormente? _____

10. Filhos (biológicos/adoptivos/enteados)

- Sem filhos
 Gravidez actual
 Com filhos
Número de filhos biológicos _____ Idades _____
Número de filhos adoptivos _____ Idades _____
Número de enteados _____ Idades _____

11. Acompanhamento psicológico ou psiquiátrico

- Nunca teve
 Teve no passado
 Tem actualmente

12. Religiosidade

- Não Crente
 Crente Não Praticante
 Crente Praticante
Qual a religião? _____

Anexo IV

Instrumentos utilizados no estudo: EASAVIC, A & QRI-S e IOS

EASAVIC

(Isabel Narciso & Maria Emília Costa, 1996)

Instruções:

Pense na sua relação conjugal. Utilize a seguinte escala de modo a expressar o que sente relativamente a cada expressão:

- 1- Nada satisfeito (a); 2- Pouco Satisfeito(a); 3- Razoavelmente Satisfeito (a); 4- Satisfeito(a); 5- Muito satisfeito (a); 6- Completamente Satisfeito (a)**

Para cada um dos itens, deverá escolher a afirmação da escala que melhor descreve o que sente, rodeando o número correspondente com um círculo.

Por exemplo, se em relação ao item 6, “Quantidade de tempos livres”, você se sente completamente satisfeito (a), deverá rodear com um círculo o número 6 da escala.

- | | |
|--|-------------|
| 1. O modo como gerimos a nossa situação financeira | 1 2 3 4 5 6 |
| 2. A distribuição de tarefas domésticas..... | 1 2 3 4 5 6 |
| 3. O modo como tomámos decisões..... | 1 2 3 4 5 6 |
| 4. A distribuição de responsabilidades..... | 1 2 3 4 5 6 |
| 5. O modo como passamos os tempos livres..... | 1 2 3 4 5 6 |
| 6. A quantidade de tempos livres..... | 1 2 3 4 5 6 |
| 7. O modo como nos relacionamos com os amigos..... | 1 2 3 4 5 6 |
| 8. O modo como nos relacionamos com a família do meu cônjuge..... | 1 2 3 4 5 6 |
| 9. O modo como nos relacionamos com a minha família..... | 1 2 3 4 5 6 |
| 10. A minha privacidade e autonomia..... | 1 2 3 4 5 6 |
| 11. A privacidade e autonomia do meu cônjuge..... | 1 2 3 4 5 6 |
| 12. A nossa relação com a minha profissão | 1 2 3 4 5 6 |
| 13. A nossa relação com a profissão do meu cônjuge..... | 1 2 3 4 5 6 |
| 14. A frequência com que conversamos..... | 1 2 3 4 5 6 |
| 15. O modo como conversamos | 1 2 3 4 5 6 |
| 16. Os assuntos sobre os quais conversamos..... | 1 2 3 4 5 6 |
| 17. A frequência dos conflitos que temos..... | 1 2 3 4 5 6 |
| 18. O modo como resolvemos os conflitos..... | 1 2 3 4 5 6 |
| 19. O que sinto pelo meu cônjuge..... | 1 2 3 4 5 6 |
| 20. O que o meu cônjuge sente por mim..... | 1 2 3 4 5 6 |
| 21. O modo como expresso o que sinto pelo meu cônjuge..... | 1 2 3 4 5 6 |
| 22. O modo como o meu cônjuge expressa o que sente por mim..... | 1 2 3 4 5 6 |
| 23. O desejo sexual que sinto pelo meu cônjuge..... | 1 2 3 4 5 6 |
| 24. O desejo sexual que o meu cônjuge sente por mim..... | 1 2 3 4 5 6 |
| 25. A frequência com que temos relações sexuais..... | 1 2 3 4 5 6 |
| 26. O prazer que sinto quando temos relações sexuais..... | 1 2 3 4 5 6 |
| 27. O prazer que o meu cônjuge sente quando temos relações sexuais..... | 1 2 3 4 5 6 |
| 28. A qualidade das nossas relações sexuais..... | 1 2 3 4 5 6 |
| 29. O apoio emocional que dou ao meu cônjuge..... | 1 2 3 4 5 6 |
| 30. O apoio emocional que o meu cônjuge me dá..... | 1 2 3 4 5 6 |
| 31. A confiança que tenho no meu cônjuge..... | 1 2 3 4 5 6 |
| 32. A confiança que o meu cônjuge tem em mim..... | 1 2 3 4 5 6 |
| 33. A admiração que sinto pelo meu cônjuge..... | 1 2 3 4 5 6 |
| 34. A admiração que o meu cônjuge sente por mim..... | 1 2 3 4 5 6 |
| 35. A partilha de interesses e actividades..... | 1 2 3 4 5 6 |
| 36. A atenção que dedico aos interesses do meu cônjuge..... | 1 2 3 4 5 6 |
| 37. A atenção que o meu cônjuge dedica aos meus interesses..... | 1 2 3 4 5 6 |
| 38. Os nossos projectos para o futuro..... | 1 2 3 4 5 6 |
| 39. As minhas expectativas quanto ao futuro da nossa relação..... | 1 2 3 4 5 6 |
| 40. As expectativas do meu cônjuge quanto ao futuro da nossa relação. | 1 2 3 4 5 6 |
| 41. O aspecto físico do meu cônjuge..... | 1 2 3 4 5 6 |
| 42. A opinião que o meu cônjuge tem sobre o meu aspecto físico..... | 1 2 3 4 5 6 |
| 43. As características e hábitos do meu cônjuge..... | 1 2 3 4 5 6 |
| 44. A opinião que o meu cônjuge tem sobre as minhas características e hábitos..... | 1 2 3 4 5 6 |

A & QRI-S

Este questionário refere-se a vários aspectos das relações que mantém com algumas pessoas que lhe são próximas. Cada linha da tabela, situada no fundo desta página e na seguinte, contém uma questão, e cada coluna corresponderá a uma pessoa relativamente à qual deverá responder.

Na primeira coluna, responda em relação à sua mãe. Se não tem mãe actualmente, responda tendo por referência a relação que mantinha com ela, se lhe parecer que as questões fazem sentido para si dessa forma. Senão, responda com referência à pessoa que mais representa ou representou para si o papel de mãe (figura materna). Especifique qual a pessoa a quem se referem as suas respostas assinalando uma das opções abaixo.

Na segunda coluna, responda em relação ao seu pai, ou proceda de modo idêntico ao indicado no parágrafo anterior para a mãe.

Na terceira coluna, responda em relação ao seu/sua parceiro(a) conjugal

<p>Na coluna “Mãe” responde em relação a:</p> <p><input type="checkbox"/> Mãe</p> <p><input type="checkbox"/> Mãe (relação passada).</p> <p><input type="checkbox"/> Figura Materna. (especifique) _____</p>	<p>Na coluna “Pai” responde em relação a:</p> <p><input type="checkbox"/> Pai</p> <p><input type="checkbox"/> Pai (relação passada).</p> <p><input type="checkbox"/> Figura Paterna. (especifique) _____</p>
--	--

Agora, por favor, leia as questões (em linhas) e responda a cada uma delas relativamente a cada pessoa referida (em colunas). Para isso, utilize a escala abaixo indicada e preencha, comos números que considerar correspondentes, os espaços em branco no quadro.

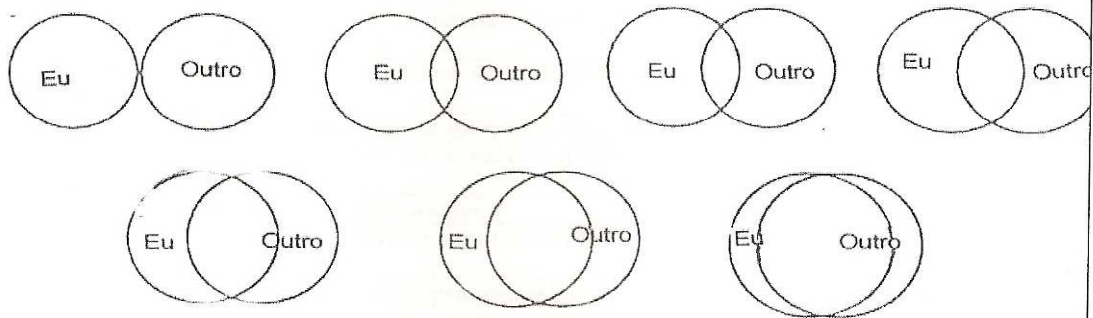
1	2	3	4	5
Discordo completamente	Discordo moderadamente	Não concordo nem discordo	Concordo moderadamente	Concordo completamente

Não se esqueça de que *deve responder a cada questão por três vezes*, uma para cada pessoa. Por favor, não deixe nenhuma questão por responder. As suas respostas não poderão ser analisadas se deixar algum espaço em branco.

	Mãe	Pai	Cônjuge
1. Pergunto-me muitas vezes se esta pessoa se preocupa realmente comigo.			
2. Posso recorrer a esta pessoa para me aconselhar acerca de problemas que eu possa ter.			
3. Sinto-me confortável ao desenvolver uma relação próxima com esta pessoa.			
4. Tenho muitas vezes de me esforçar para evitar conflitos com esta pessoa			
5. Preocupa-me o não ser aceite por esta pessoa			
6. Poderia contar com esta pessoa para me ajudar com um problema			
7. Fico algo desconfortável quando me sinto próximo desta pessoa.			
8. Por vezes, esta pessoa deixa-me perturbado.			
9. Quando mostro os meus sentimentos em relação a esta pessoa, receio que ela não sinta o mesmo por mim.			
10. Esta pessoa desempenha um papel positivo na minha vida.			
11. Fico nervoso quando esta pessoa se torna demasiado próxima.			
12. Esta relação é importante na minha vida.			
13. Preocupo-me muitas vezes com a possibilidade de esta pessoa não gostar realmente de mim.			
14. A minha relação com esta pessoa daqui a 10 anos será bastante próxima.			
15. Preocupo-me com a possibilidade de esta pessoa se aproximar demasiado de mim.			
16. Sentiria a falta desta pessoa se não nos pudéssemos ver ou falar um com o outro durante 1 mês.			
17. Preocupo-me por esta pessoa não me valorizar tanto como eu a valorizo.			
18. Posso contar com esta pessoa para me ouvir quando estou muito zangado com alguém.			
19. Acho difícil confiar inteiramente nesta pessoa.			
20. Esta pessoa faz-me sentir zangado.			
21. Posso contar com esta pessoa para me distrair das minhas preocupações quando me sinto sob stress.			
22. Esta pessoa faz-me frequentemente sentir irritado.			

I.O.S.

Encontram-se aqui apresentadas 7 imagens. Qual lhe parece ser a que melhor descreve a relação com o seu companheiro? Por favor, coloque um círculo à volta dessa imagem.



Escala de Inclusão do Outro no Self
Aron, Aron, & Smollan, 1992